

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

IARTE-INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE TEATRO

**A TRANSMASCULINIDADE EM CENA: REFLEXÕES SOBRE A AULA
ESPETÁCULO DA DÚVIDA AO "ERRO": FRAGMENTO DE UM NÃO BINÁRIO**

LUANO MOURA MOTTA DE MENDONÇA

Uberlândia

2024

LUANO MOURA MOTTA DE MENDONÇA

**A TRANSMASCULINIDADE EM CENA: REFLEXÕES SOBRE A AULA
ESPETÁCULO DA DÚVIDA AO "ERRO": FRAGMENTO DE UM NÃO BINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Teatro.

Área de concentração: Artes Cênicas.

Orientador: Wellington Menegaz de Paula.

Uberlândia

2024

M539 Mendonca, Luana Moura Motta de, 1996-
2024 A Transmasculinidade em Cena: Reflexões sobre a Aula Espetáculo
Da Dúvida ao "Erro": Fragmento de um Não- Binário. [recurso
eletrônico] / Luana Moura Motta de Mendonca. - 2024.

Orientadora: Wellington Menegaz de Paula. Trabalho de
Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Teatro.
Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. Paula, Wellington Menegaz de, 1975-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Teatro. III. Título.

CDU: 792

LUANO MOURA MOTTA DE MENDONÇA

**A TRANSMASCULINIDADE EM CENA: REFLEXÕES SOBRE A AULA
ESPETÁCULO DA DÚVIDA AO "ERRO": FRAGMENTO DE UM NÃO BINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Teatro.

Banca Examinadora:

Henrique Bezerra de Souza- Doutor em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina

Rubia Bernardes Nascimento- Mestra em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia

Lino Ravenna Pinheiro Salmin- Bacharel em Dança e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia, dia 25 de abril de 2024

Dedico este trabalho à minha família Glaucia,
Luís Pedro, Augustine, Karolina e Sthefany, por
todo amor e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meu orientador Tom Menegaz, que como eu que vendo poesias nas ruas e bares, vendia flores antes de ser docente: à você minha admiração e carinho.

Agradeço à algumas colegas que me inspiram, especialmente Maya Estrela e Emiadê, este me ajudou muito no sucesso da aprovação do Programa Institucional de Apoio à Cultura-PIAC.

Agradeço aos técnicos do curso: Letz Pinheiro, Ana Carolina Tannús, Camila Thiago e Edu Silva, por todo o suporte e disposição.

Agradeço também es integrantes das equipes dos espetáculos: em 2022, na estreia na Universidade Federal de Uberlândia: manipulação de projetor: Luís Pedro; operação de som: Neto Basílio; operação de Iluminação: João D. Marquez e fotografia: Sthefany Vitória. Em 2023, na circulação em turmas de Educação de Jovens e adultos: designer: André; produção: Luck Gabriele; manipulação de som: Diulia Granatto; manipulação de projetor: André Rodrigues; iluminação: Lupac; operador de luz: Pedro Soliran e fotografia: Eric dos Santos Silva. E em 2024, na defesa do Trabalho de Conclusão de Curso: Operador de som: Dante Angel; manipuladora de projetor: Luka Torres; iluminação: Gabriel Mozer; fotografia: Sthefany Vitória e gravação de video: Bruna Brunu.

"Sonhar trans
Se lambuzar no futuro"

(MONTE, Ibi)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta reflexões sobre a elaboração e circulação da aula espetáculo *Da dívida ao “erro”: fragmento de um não binário*, onde, em um monólogo, expresse poesias sobre minha autobiografia abordando questões de gênero e transgeneridade, tendo como objetivo expor minha transgeneridade, a sexualização de corpos e explicar termos da comunidade trans, como por exemplo “não binário” ou “transmasculino” para jovens e adultos em sala de aula. A aula espetáculo de 30 minutos estreou na Universidade Federal de Uberlândia em 2022 e circulou nas turmas Educação de Jovens e Adultos das escolas estaduais Ângela Teixeira, Parque São Jorge e na escola de educação básica da UFU (ESEBA) em 2023. onde se instaurou discussões acerca de gênero e identidade. Em um ambiente escolar comumente binário e cisgênero, apresentar uma narrativa não binária expandiu o conhecimento e inclusão dos alunos e docentes.

Palavras-chave: transmasculino; aula-espetáculo; autobiografia; não binário; transgeneridade; escola; poesia.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso presenta reflexiones sobre la preparación y circulación de la clase de espectáculo *Da dívida ao “erro”: fragmento de um não binário*, donde en un monólogo expreso poemas sobre mi autobiografía abordando temas de género y transgenerismo, con el objetivo de exponer mi transgenerismo, la sexualización de los cuerpos y explicar términos propios de la comunidad trans, como “no binario” o “transmasculino” a los jóvenes y adultos en el aula. La clase espectáculo de 30 minutos se estrenó en la Universidad Federal de Uberlândia en 2022 y circuló en las clases de Educación de Jóvenes y Adultos de las escuelas públicas Angela Teixeira, Parque São Jorge y en la escuela de educación básica (ESEBA) de la UFU en 2023, donde se discutió sobre de género e identidad. En un entorno escolar comúnmente binario y cisgênero, presentar una narrativa no binaria amplió el conocimiento y la inclusión de los estudiantes y profesores.

Palabras clave: transmasculino; espectáculo de clase; autobiografía; no binario; transgênero; escuela; poesía.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	desenhos da "partitura" da minha performance.....	36
Imagem 2 -	Público escola estadual Ângela Teixeira.....	52
Imagem 3-	Calçando salto na apresentação na escola Ângela Teixeira.....	53
Imagem 4 -	Luano e público da escola Ângela teixeira.....	54
Imagem 5-	Cantando na escola Parque São Jorge.....	55
Imagem 6-	Público escola Parque São Jorge.....	56
Imagem 7-	Lousa interação público da escola Parque São Jorge.....	56
Imagem 8-	Público escola Parque São Jorge 2.....	57
Imagem 9-	Luano na cena sobre estupro.....	59
Imagem 10-	Público escola ESEBA.....	60
Imagem 11-	Luano em cena na UFU.....	61
Imagem 12-	Escrevendo na lousa na apresentação na UFU.....	62
Imagem 13-	Público UFU.....	63
Imagem 14-	Boyceta na apresentação na UFU.....	64
Imagem 15-	Sem camisa na apresentação na UFU.....	65
Imagem 16-	Lousa Apresentação UFU.....	66
Imagem 17-	Salto e bola de futebol.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
DISAU	Divisão de Saúde da UFU
CRAIST	Centro de Referência e Assistência Integral para a Saúde Transespecífica
ESEBA	Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia
PINA	Programa de Iniciação Artística
PIAC	Programa Institucional de Apoio à Cultura
EJA	Educação de Jovens e adultos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
RNP	Rede Nacional de Pessoas vivendo com HIV/AIDS
GruD	Grupo de Pesquisa em Drama
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e mais
PROINTER	Projetos Interdisciplinares (componente curricular obrigatório)

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	12
<u>2 CAPÍTULO I – DO DRAMA AO ESPETÁCULO: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE DA DÚVIDA AO ERRO: FRAGMENTO DE UM NB NO BR</u>	21
<u>1.1 PROCESSO DE DRAMA CHRIS</u>	25
<u>1.2 PROCESSO DE MONTAGEM DA DÚVIDA AO ERRO: FRAGMENTO DE UM NB NO BR</u>	35
<u>1.3 CONSIDERAÇÕES</u>	39
<u>3 CAPÍTULO II – DO ESPETÁCULO À SALA DE AULA: CIRCULAÇÃO DA AULA ESPETÁCULO DA DÚVIDA AO “ERRO”: FRAGMENTO DE UM NÃO BINÁRIO</u>	41
<u>2.1 ROTEIRO DO ESPETÁCULO</u>	44
<u>2.2 APONTAMENTOS SOBRE A CIRCULAÇÃO</u>	51
<u>4 CONCLUSÕES FINAIS</u>	67
<u>5 REFERÊNCIAS</u>	73

1 INTRODUÇÃO

“Cresci com o meu pai dizendo: mulher tem um arame farpado no coração”¹

Me chamo Luano, sou poeta mas quando meu pai dizia isso deveria ter aspiração para ser poetisa. Nascido em São Paulo, mas cresci em Caraguatatuba litoral do mesmo estado, fui criada² pra ser menina, “pra minha buceta, a sua imposição por genital” o atravessamento de gênero me silenciava desde criança, meus pais me cobravam silêncio e então na escola, com meus 8 anos de idade, quando tive as primeiras aulas de redação, me apaixonei pela escrita.

Escrever vai muito além do riso

Além do rio, Rio ou janeiro

Além do tempo que estive, estou, estarei

Escrever

Cisto Ovário

A hemorragia que forma letra³

¹ Quando uma frase tem aspas mas não tem a fonte, trata-se de um trecho do roteiro do meu espetáculo solo Da dúvida ao “erro”: fragmento de um não binário, aqui refletido.

² Me utilizo da linguagem neutra, uma linguagem que para além de masculino ou feminino, busca contemplar a pessoa não binária (não homem nem mulher). Utilizo para me referir a mim ou no plural quando há uma variedade de gêneros que somente masculino ou feminino não comportam. Ao invés de “alunas” ou “alunos” uso “alunes” por exemplo, para me referir a uma turma de pessoas que tem homens, mulheres e não binários. O “e” contempla este último grupo.

³ Todas as poesias compoem a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso são de minha autoria. Na introdução todas as poesias que aparecem foram escritas na mesma época das vivências descritas.

Talvez por ouvir tantos “cala a boca” em casa, achei fascinante poder expressar até o fim minha linha de pensamento, tendo até mesmo um retorno (a nota ou comentários da professora). A escrita foi um grande marco, mas meus pais também queriam incentivar meu lado argumentativo e faladeiro e me colocaram em uma oficina de teatro quando tinha 7 (sete) anos. Eu mal sabia ler, fizemos uma peça das fábulas do Esopo, eu era o ratinho. Sendo bicho e assim no palco até esquecia que “seria uma garota” e a essa altura “brincava com uma amiga e eu sempre escolhia ser o príncipe” eu também sempre trocava afeto com essa amiga, porque parecia que num mundo fictício “meninas” poderiam se beijar.

Então fui crescendo e a escrita e o teatro me tecendo e retorcendo. Aos 15 já tinha participado de algumas peças, com 17 anos participei de um workshop da Cia Bendita Trupe, Teatralizando fontes documentais. Aqui ficou uma experiência importante, eram vários dias de oficina em São José dos Campos-SP, onde estávamos falando principalmente sobre teatralizar informações acerca da política brasileira, isso em 2014 em plenas eleições, quando elegemos a primeira presidenta mulher Dilma Rousseff. A trupe e oficina era formada por atores safos que me passaram um pouco da visão de um teatro crítico. No entanto eu era uma adolescente, “uma garota” e então em uma cena de improviso combinamos que eu era uma política que falaria várias mentiras óbvias no palanque e depois dizer “e minha buceta é apertadinha”. Quando executei e voltando pra coxia Homem cis 1, um dos atores adultos deu um tapa na minha bunda. Eu não entendi nada e na hora não tive reação.

Ao meu pai minha sentença

Minha grandiosa ofensa

Aos seus costumes Brutais

Que o meu pai

Que é Deus e homem

Seja á Ele oferenda

Pois servir

Não vou jamais.

Eu cresci e vi o tempo

Eu vi Ele e seus iguais

Me pedirem em casamento
Me pedirem um exemplo
Pra eu provar que sou capaz
De ser moça e ser direita
De ser culta e comportada
De provar que não sou puta
De me quererem equivocada
Neurótica
Estúpida
E se de fato culta
Não tanto
Não mais que o papa!
Que o pai
Que o filho
Que o espírito santo
Todos no masculino
Todos santos
E eu a forma de satanás
Mulher que seduz
Mulher que chora
Mulher que fede
Mulher que amola
Não tenho pátria
Pois sou bem esta
Mulher que tanto os apavora
Mulher que fede
A túmulo história
Mulher que goza
E não é saciada
Mulher que amola
Grandiosa faca

A minha mente
Muito mais potente
Que o macho corpo
Que me explora.

Os anos se passaram e com 19 anos fui morar em Cachoeira BA, porque tinha passado em jornalismo na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). Logo que cheguei na cidade havia um diretor ministrando aula de teatro em um galpão, com foco em Stanislavski e Teatro do Oprimido de Boal. Comecei a fazer teatro lá e tive a experiência de participar da montagem de uma releitura do espetáculo Um Grito Parado no Ar de Gianfrancesco Guarnieri, adaptado por esse meu então diretor Homem cis 2. A essa altura tudo me atravessava cotidianamente e eu já tinha esquecido de brincar de ser príncipe, sendo a princesa que todes queriam. O espetáculo Um Grito Parado no Ar é sobre um grupo de teatro ensaiando um espetáculo, nessa versão especificamente também era abordado o racismo no Brasil e questões próprias da cidade, era um texto extremamente crítico e também explicitava as condições dos artistas. Durante toda a peça entrava um cobrador pegando algo do cenário ou dos figurinos das atrizes/atores, até que no final ficávamos todes seminus apenas de roupa íntima e no escuro porque cortavam a luz. Na época eu fiquei de calcinha e por esse motivo meu companheiro não foi assistir a peça que eu tinha ensaiado por meses. Pode parecer bobo, mas os assédios diários, ele não ter ido, alguns da plateia gritando “gostosa”, a tara do meu diretor por mim, o álcool, a fome, a guerra na favela onde morava, tudo o que vivi ali foi me adoecendo. Mentalmente adoecendo.

Março Bahia

Faz tanto tempo que eu bebo
Nessa estrada incalculada
Numa ponta o desejo
No horizonte a revolta.
Tantos olhos
Tantos miram, de mansinho

O meu decote
Eu os flagro, com desprezo
Levanto a blusa, não tenho sorte
Me conformo
Sorrio
Será, meu santo forte?
Nada.
Apenas eu e a estrada incalculada
Até diria sagrada
Se soubesse
O orixá ou o Norte.

Em junho de 2016 voltei para Caraguatatuba em pleno surto psicótico. Com o diagnóstico de bipolaridade, caí em profunda depressão. Era como se não me pertencesse. Ser aquela, ser essa, ser “ela”... tudo isso me dava horror a existir. Tudo o que era parecia um caminho de pés no espinho.

Realmente pai, talvez as mulheres tenham um arame farpado no coração, enfincado por homens cis.

Então tentei suicídio, e aqui não discorro muito por motivo de gatilho, embora eu saiba que essa introdução traz gatilho. Sobrevivendo ainda estava muito depressivo e só pude me frustrar por ainda ser, por ainda existir. Talvez porque eu não era.

Renata come deliciosamente seu chocotone
Renata chora, antes mais pobre
Renata acode
Acudiram zilhões de cavalheiros
No auditório pra Renata
Renata cai Renata salta
De longa data Sampa Bahia- Bahia Sampa
Exagerada
Apaixonada

Renata high
O mundo
Na falta
Aquele moço me fez até beata
Mas eram
Um, dez, mil
Apaixonados e suas armas
Que a bela flor
Virou nó cego
Cego juízo
Alma devassa
Mas caça é caça.
O que deus dá
Satanás desanda
O homem tira
E a mulher estanca
Mãe de Renato
E Renata louca
“Socorro! Um policial me disse eu te amo?”
Todos os olhos sobre mim
Explosivos
Facções
Grande guerra
Presidente
Fora!
Renata
Remonta
Rap
Reaja
Rena...
Pegou seus remédios

Tomou todas as caixas.

Respira

Renata ainda, exausta.

E aqui entra em foco o não ser. O não ser mulher. O não ser homem. Não me lembro ao certo quando foi a primeira vez que dei atenção ao termo não binário. Mas eu já não era binário⁴. Nunca fui. Não ser. Não ser cis. Não ser binário. Não ser passável. Não ser representado.

Em 2018 me assumo trans não binário. No mesmo ano, lá em Caraguatatuba eu estava desempregado e então um dia estava numa praça, quando vi um cara com uns livretinhos me perguntando se eu gosto de ler. Seu nome é Chapolim. Então ele me disse que trocava suas poesias por qualquer coisa. Troquei, não lembro bem no que... as ilustrações, a escrita, toda a ideia era muito boa. E eu fiquei admirado, pensei “eu também desenho, eu também escrevo, posso tentar”

Comecei a produzir os zines que seria a partir das minhas poesias fazer uma espécie de revistinha autoral, que no começo em 2018/19 eu trocava por qualquer coisa (igual o Chapolin) e em 2020 até os dias atuais vendo nos bares e ruas de Uberlândia por qualquer valor. Assim como as do Chapolin, minhas poesias tem conteúdo de crítica social e luta contra as opressões, no meu caso focando as opressões de gênero..

Em 2019 eu passo em teatro na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Chegando em Uberlândia tive suporte da Divisão de Saúde da UFU (DISAU) com psicóloga e psiquiatria, consegui a bolsa do apoio estudantil e a continuação do tratamento com psiquiatra no Centro de Referência e Assistência Integral para a Saúde Transespecífica (CRAIST). Reforço aqui que toda essa rede de apoio foi gratuita e ainda sou bolsista do auxílio moradia da Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), que paga meu aluguel, complementando a renda que faço vendendo poesia. É muito importante todas essas iniciativas, na pandemia o atendimento da psiquiatria do CRAIST encerrou, disseram que bolsas dos profissionais foram cortadas. Hoje passo no psiquiatra da Rede Nacional de Pessoas vivendo com HIV/AIDS (RNP), que é aberta a todo público carente, principalmente pessoas transgêneras e não somente quem vive com o vírus.

⁴ Binário é um termo guarda chuva para os gêneros homem e/ou mulher, quando eu disser que algo é binário ou referente à binariedade, estou dizendo sobre as definições de gênero homem e mulher que são padronizadas e padronizadoras na sociedade em que vivemos. Com “já não era binário” assumo a premissa de que quando transicionamos apenas assumimos algo que já acontecia antes de nos assumirmos, sempre fui trans, só não sabia, ou não reconhecia isso. Sempre fui não binário, isto é aquele que não é homem nem mulher.

Então na minha pesquisa, a minha intenção sempre foi dizer sobre essas feridas já que tantas são tão coletivas também. Tantes são transmasculines, tantes são não bináries, boycetas e já tentaram suicídio, como conclui pesquisas da Associação Nacional de Travestis e Transexuais- ANTRA.

Recentemente, um relatório chamado “Transexualidades e Saúde Pública no Brasil”, do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia, revelou que 85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato. (Associação Nacional de Travestis e Transexuais- ANTRA)

Tantes tiveram um pai machista, sofrem a pressão cotidiana, os olhares, a chacota, o assédio, o desrespeito. E o medo. Aqui em Minas tem acontecido muitos casos de LGBTQIA+fobia.

O Brasil ainda é o país onde mais se comete crimes contra as minorias sexuais. Em 2017, 445 lésbicas, gays, bissexuais e transexuais morreram no país vítimas da homotransfobia, sendo 387 assassinatos e 58 suicídios. Esse número equivale a uma morte a cada 19 horas. Minas Gerais está na segunda posição nacional, com 43 destas mortes. (g1.globo.com, notícia Minas Gerais é um dos estados que mais mata lésbicas, gays, bissexuais e transexuais no país)

Nesse contexto estabilizado mentalmente e estudando licenciatura em teatro na UFU começo meu processo de pesquisa da abordagem da transgeneridade em cena, de autobiografia em performance. E então achei meu orientador: Tom Menegaz, porque gostei da sua didática em Prontier II⁵ e pensei que a pesquisa se utilizaria de um processo Drama⁶ que abordasse a transgeneridade para construção de um espetáculo solo autobiográfico sobre um pouco dessa corpa⁷ trans não binária.

Foi um ano de pesquisa e ensaio do espetáculo quando estreamos em 2022 Da dúvida ao erro: fragmento de um nb no br. Com somente eu em cena dando vida ao meu texto poético que explicita esse não lugar e violências. Nesse trabalho de conclusão de curso, se tratando de uma licenciatura, busco o foco num segundo e principal momento da pesquisa que foi realizado através do Programa Institucional de Apoio à Cultura (PIAC), em 2023, a ação Circulação do espetáculo solo intitulado Da dúvida ao erro: fragmento de um nb no br em turmas de Educação

⁵ Prontier (Projetos Interdisciplinares) é uma matéria obrigatória no curso de Licenciatura em Teatro.

⁶ Processo de Drama trata-se de um método de ensino-aprendizagem de jogo de papéis desenvolvido por Dorothy Heathcote, no capítulo seguinte abordo/explico melhor essa metodologia.

⁷ O termo “corpa” é utilizado na comunidade trans para nomear corpos em desidênciã de gênero, aquilo que não é corpo, o corpo masculino hétero cis, mas sim corpas, com “a” afrontando e se apropriando desse não lugar.

de Jovens e Adultos (EJAS) de Uberlândia e apresentamos novamente na UFU uma versão que se tornou uma aula espetáculo.

CAPÍTULO I – DO DRAMA AO ESPETÁCULO: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE DA OBRA DA DÚVIDA AO ERRO: FRAGMENTO DE UM NB NO BR

O mundo que vivemos é feito para a produção de pessoas cisgêneras⁸. Na mídia em geral os papéis sociais são bem definidos entre homens e mulheres cis, mais recentemente vê-se na produção audiovisual algumas narrativas e personagens transgêneras, mas ainda poucas se comparadas com a tradicional cisgeneridade. Produção de conteúdo produz pessoas, e pessoas produzem conteúdo. Uma sociedade que não mostra pessoas trans é uma sociedade que mata pessoas trans, não somos naturalizados. Pessoas cis falam que não somos naturais. E talvez não sejamos por essa sentença social que nos afasta para as margens. A cisgeneridade domina tudo, a informação, os hospitais, as escolas, os empregos, os esportes, como uma grande norma que regula o que é bom e o que não serve, quem não supre as expectativas. Isso é garantido por poderes como a religião, a medicina e a legislação. Chegando à violência até mesmo contra crianças intersexo⁹ (questão biológica e não de gênero) mas afetadas pela coerção aos papéis sociais homem e mulher, tendo, em caso de genitália ambígua, sua genitália mutilada pelo próprio médico, para ser designado às expectativas de apenas um gênero.

A categorização de corpos a partir da genitália é o referencial utilizado para definir homens e mulheres na modernidade e, considerando que o intersexual rompe com essa moldura pelo fato de nascer simultaneamente com ambos órgãos sexuais (pênis e vagina), é submetido, quando recém-nascido, a cirurgia de mutilação sexual para corrigir o que se considera deformidade genital. A problemática jurídica levantada encontra-se no debate sobre a legitimidade jurídica de realização dessa cirurgia por decisão dos pais, retirando-se do sujeito a liberdade de escolha em realizar ou não o referido procedimento cirúrgico quando tiver assim capacidade civil para se autodeterminar. Além disso, problematiza-se se tal prática médica constitui ou não afronta (violação) aos direitos humanos. (Costa, Santos, 2022, p. 177)

Em *Cisnorma acordos societários*, Brune Camillo Bonassi diz sobre as três instituições que produzem a cisgeneridade:

Cisnorma é uma palavra-conceito que vem sendo utilizada na década de 1990 por militantes trans e não binários em blogs e páginas da internet. Recentemente, a partir de

⁸ “a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea)”.(LANZ, 2016, p. 4)

⁹ “intersexo segundo Jacqueline de Jesus, pessoa Intersexo é aquela cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino, estabelecido culturalmente, no que se refere a configurações dos cromossomos, à localização dos órgãos genitais [...] e à coexistência de tecidos testiculares e de ovários.”(Associação Brasileira Intersexo- ABRAI)

2011, publicações acadêmicas brasileiras começaram a utilizá-la para descrever a normalidade compulsória, esperada e regulada por instituições religiosas, biomédicas e jurídicas que produzem o entendimento que as pessoas possuem um verdadeiro sexo. (Bonassi, 2017, p. 17)

No teatro e especialmente no cinema o sistema binário prevalece. É comum ver divulgações no grupo de WhatsApp do Curso de Teatro UFU de chamadas para casting de atuação e comumente o perfil de vagas são “homem de meia idade” “mulher de 30 anos” nunca vi uma vaga para não binária, travesti, boyceta. “O binarismo imperativo pesava nas minhas costas como uma posição impossível: “seja mulher, se não quer ser mulher pode ser homem, mas esteja no que é inteligível, porque fora do inteligível não há amor” (Bonassi, 2017, p. 14). Enfim parece que quando não sou de um dos gêneros binários a única atuação que me caberia seriam personagens alegóricos, não totalmente realistas. Mas e se eu só quiser contar a história de um professor trans? Ou de uma irmã não binária? Há muitas narrativas que poderiam gerar empregabilidade para artistas da cena. Digo isso porque reivindico nosso lugar. Não consigo suprir as expectativas sendo um personagem homem, nem sendo uma personagem mulher. Afinal não sou nenhum dos dois, sou não binário. E os diretores cisgêneros muitas vezes se utilizam das nossas narrativas cometendo o *transfake*:

A representação de personagens trans por artistas cis invisibiliza e aumenta os estereótipos em torno das existências trans. Além disso, colocar pessoas cis “fantasiadas” de pessoas trans, ridiculariza a experiência trans, mesmo que seja de maneira não intencional, fazendo com que os expectadores vejam a vivência trans como “uma série de adereços amovíveis numa pessoa cis confusa” [...]. O termo “transfake” teve destaque maior nos últimos anos nas discussões sobre direitos e visibilidade de pessoas trans a partir do “Manifesto Representatividade Trans Já”, iniciativa do Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART). A prática acontece em diferentes espaços como cinema, teatro e em outras artes performativas.(site casa 1, 2023)¹⁰

Em um mundo cisgênero e binário, onde nossas narrativas são empurradas à margem, vivo a necessidade de corporificar em cena meus atravessamentos sobre gênero, buscando o que hoje entendo como algo entre a denúncia e a poética. São muitos os questionamentos em uma universidade extremamente cisgênera, já que um estudo feito pelo Grupo de estudos

¹⁰ Disponível em:< <https://www.casaum.org/entenda-o-que-e-o-transfake-e-conheca-14-artistas-trans-para-acompanhar-e-celebrar/>>

multidisciplinares (GEMAA) revela que alunes transexuais e travestis compõe apenas 0,3% das graduações nas universidades federais. Após toda a vivência que descrevi na introdução, e ainda afetando e sendo afetado por muitas outras, chego na Universidade Federal de Uberlândia e dou continuidade no estudo do fazer teatral, careca e ainda com meu nome morto¹¹, sentindo um atravessamento de classe muito severo em relação aos meus colegas. Sendo que a maioria deles são de classe média alta, e eu artista ambulante, vendendo poesia, trabalhando a noite e estudando em período integral. Meus zines falam principalmente sobre gênero, mas também abordam outras questões contra opressão, como a questão de classe e o veganismo.

Grana

Dinheiro

Para apaziguar nossa mente

Dinheiro

Financia o menor de pente

Prostituindo corpos divergentes

Dinheiro

Dinheiro

Dinheiro

Qual o tamanho do empenho

Para se ganhar dinheiro?

Esperança?

Por que não a matamos

E em seu lugar comemos feijão?

De boa desse leilão

Mas vivendo a opressão

Dos impostos

E nessa guerra

6 Disponível em: <<https://www.casaum.org/entenda-o-que-e-o-transfake-e-conheca-14-artistas-trans-para-acompanhar-e-celebrar/>>

¹¹ Nome morto é o nome atribuído ao nascer da pessoa transgênera, após transicionar, caso ela escolha um novo nome, esse nome anterior cai em desuso.

Estupros acobertados
Heróis trans suicidados
Trava morrer é diário
Foda-se os bilionários!
Dinheiro
Dinheiro
Dinheiro
Nos traumatiza um pouco
Mas por essa rima
Me dá um troco?

Nesse contexto, fico sabendo do Programa de Iniciação Artística da UFU (PINA) que se trata de um edital de financiamento de processo artístico da UFU, que me desperta o interesse em desenvolver uma pesquisa. Dentre tantos professores durante a pandemia faço uma matéria com Tom Menegaz, que nos guia em Pedagogia do Teatro I, a forma como ele conduz a turma me fascina, não somente pela metodologia do Drama praticada com destreza, mas também pelo cuidado com questões de gênero, classe e raça de seus alunos. Então em 2022 convido Tom Menegaz para ser meu orientador e conversamos muito sobre a vontade e urgência de falar sobre transgeneridade e desenvolvemos o projeto de pesquisa intitulado “A sombra da cisgeneridade: criação de um solo a partir das reverberações de um processo de Drama com jovens e adultos transgeneres”. Sendo Drama uma metodologia teatral desenvolvida por Dorothy Heathcote e praticada aqui no Brasil inicialmente por Biange Cabral. Trata-se de um jogo de papéis com imersão em uma narrativa produzida pelo improviso dos participantes guiadas por uma ou mais professor/as personagem/ns. Segundo Paula (2016, p. 94), o Drama “trata de uma investigação teatral, de uma construção coletiva que se dá em processo em que todos os envolvidos estão em jogo, assumindo papéis (roles) e explorando situações propostas pelo coordenador, ou as que surgirem das improvisações.”

1.1 PROCESSO DE DRAMA - CHRIS

Na minha primeira orientação com Tom, alinhamos as expectativas sobre qual processo de Drama poderíamos construir com a ideia inicial de que seria uma vivência apenas com pessoas trans (o que foi alterado na execução do projeto). O projeto tinha como primeiro momento a criação de um processo Drama, e a definição do pré-texto e contexto ficcional. Sendo o pré-texto uma referência de base para a construção de um contexto ficcional da narrativa experienciada.

Para instaurar esse contexto de ficção, é necessário um pré-texto, ou seja, uma história, uma imagem, uma música, um conto, entre outras possibilidades; algo que sirva de impulso e, ao mesmo tempo, de base para o desenrolar da narrativa. (Fazzioni, Pereira, 2022, não paginado)

Comuniquei minha vontade de definirmos o pré-texto, ou seja, o que Cabral (2006, p. 15) considera como o “[...] roteiro, história ou texto que fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático, e que irá funcionar como pano de fundo para orientar a seleção e identificação das atividades e situações exploradas cenicamente”. Para esse “pano de fundo” busquei por algo que trouxesse a temática da transgeneridade, foi aí que percebemos que a transmasculinidade seria o tema pré-texto do nosso processo. A dificuldade de ter um tema como pré-texto é o de não haver um contexto ficcional, então tivemos de criar juntas um contexto ficcional de acordo com esse tema. Criamos pensando no que aconteceria no primeiro episódio, o personagem Chris, um garoto trans que some de casa, alimentando uma busca de quem é esse personagem, suas relações e poesias.

Com o grande número de transmasculinos que tentam e que se suicidam e por eu mesmo já ter tentado suicídio, disse para o Tom que seria uma das coisas que poderia surgir nos episódios, de acordo com nosso pré-texto tema – transmasculinidade. Então criamos o primeiro episódio como uma festa surpresa para Chris, sendo que entende-se como episódio no Drama um momento em que a narrativa acontece, sendo construída por uma série de convenções e reações à elas, como em um filme a narrativa tem, ao final do episódio, um desfecho ou algo que fica para ser resolvido num próximo momento, próximo episódio. No Drama nós inicialmente só definimos/criamos o primeiro episódio, o segundo episódio é construído a partir das reverberações desse primeiro e assim sucessivamente.

(Episódios são) unidades cênicas que compõem o processo. A inserção de um novo elemento ou nova situação (tarefa, desafio, atividade) é um novo episódio do Drama. A duração do episódio vai depender da proposta realizada. Se o professor tem como objetivo desenvolver um processo de Drama em uma sessão (um encontro), ele pode dividir esse processo em cinco ou seis episódios ao longo desse período. (Pereira, 2015, p. 131)

Se eu morro um tanto mais fácil

Lá se iam os vãos meses

Se economizaria pão

Não mais a tua cara

De espera-ternura

De rancor-asco

Não minha culpa

Não minha resposta

Não nossa ideia caótica

De paz e mundo.

Se eu morro

Nada profundo

Rasante-profeta

Não a aflita dieta

De sonhos.

Não este poema-açoite

Não seu juízo

E minha apatia

Aquela chapação

E o esperado carnaval

Se eu morro

Sem socorro

Sem praga
Sem nome
Sem fome, endereço e
Castigo
Se eu morro
Livre deste compromisso
De ir morrendo aos pouquinhos.

Como já disse, no projeto tinha a intenção de desenvolver o processo de Drama somente com pessoas transgêneras, no entanto frente a possibilidade de não ter muitos alunos, preferimos aproveitar as pessoas participantes do Grupo de Pesquisa em Drama (GruD) do Curso de Teatro UFU que já pesquisava Drama com o Tom, e convidá-la como maior contingente de participantes. Elas aceitaram o convite prontamente, e eu fiz uma lista de amigas/conhecidas trans para convidar, nossa turma ficou com 10 pessoas cisgêneras (do GruD) e 3 pessoas transgêneras.

A seguir apresento o diário de bordo, confeccionado por mim, de cada episódio do processo Drama Chris. Importante destacar, que durante os episódios do processo de Drama utilizei de três convenções teatrais elaboradas pelos pesquisadores Jonathan Neelands e Tony Goode¹² (2000), no caso: “Vozes na cabeça” (*Voices in the Head*); “Eventos críticos” (*Critical Events*); “Um dia na vida” (*A Day in the Life*)¹³. Elas foram assimiladas com adaptações, para se adequarem ao contexto ficcional proposto. As convenções teatrais, também denominadas de estratégias, são atividades improvisacionais que auxiliam no desenvolvimento do processo de Drama.

¹² Presentes no livro de autoria dos autores supracitados: *Structuring Drama Work: a handbook of available forms in theatre and drama*. Tradução de Tom Menegaz para o título: *Estruturando o trabalho com o Drama: um manual de formas disponíveis em teatro e drama*.

¹³ Quando elas aparecerem no texto inserirei nota de rodapé com o intuito de trazer a tradução na íntegra de cada uma das três convenções elaboradas por Neelands e Goode. Destaco que todas as traduções são de autoria do meu orientador Tom Menegaz.

Primeiro episódio do processo de Drama *Chris*¹⁴:

Começamos o processo com um momento de meditação ativa, alongando e aquecendo. Pedi para o grupo se espalhar pela sala, cada um determinando o seu espaço e então se deitando no chão. “Esqueçam o que ficou lá fora, respirem fundo” disse. Durante a respiração profunda pedi para irem se movimentando, aos poucos, pés, braços, quadris, cabeça, ainda no plano baixo, movimentando-se no chão, alcançando o plano médio indo para o alto até ficarem com o corpo ereto. Já de pé, pedi que caminhassem no ritmo cotidiano, se olhando nos olhos durante esse caminhar. Pausa: “quem você está olhando nos olhos é sua dupla”. E damos início ao jogo teatral “Exercício do espelho n. 1” (Spolin, 2005, p. 55)¹⁵ (uma pessoa de frente para outra, uma sugere e a outra imita os movimentos sugeridos, como num espelhamento de movimentação). Trocamos os líderes do movimento. Encerrando, o grupo começa a andar pelo espaço já fora das duplas, nas velocidades de 1 à 5, sendo 1 muito lento e 5 muito rápido. No momento do caminhar mais lento sugiro “vocês adentrarão numa ficção daqui a pouco, é aniversário do Chris e vocês serão amigos da faculdade dele, ele faz jornalismo. Quem é você? Seu nome, sua idade...” “Velocidade 2” “O que você gosta de fazer?” “Velocidade 3” “Que música você gosta de ouvir?” “Velocidade 4, 5”. Reduzimos a velocidade para 1 novamente, para 5, para 2 e para 5 novamente. Após o aquecimento dei as instruções para adentrarmos no processo Drama. “Quando eu colocar esse chapéu (de aniversário) estamos na ficção, nos personagens. Quando eu tirar o chapéu, sou eu Luano”. “Segunda regra: quando eu bater nesse pandeiro pausa: todo mundo congela e quando eu bater no pandeiro novamente tudo descongela: volta atividade na ficção”.

Dito isso, vamos lá, visto a touca do personagem Jonas (melhor amigo do Chris) e começo como professore-personagem: “Bom dia, vocês já me conhecem, sou Jonas, um dos melhores amigos do Chris, vamos fazer a festa surpresa, ele já deve estar chegando! Para começar vamos fazer um cartão pra ele”. Distribuo canetas, lápis, giz e papéis coloridos. Todes

¹⁴ Destaca-se no Drama o caráter processual, uma vez que há o desenvolvimento de um processo de criação que ocorre por meio das vivências de diferentes episódios organizados mediante a escolha de estratégias que possibilitam esboçar um roteiro anterior à prática, mas que estará sempre aberto a modificações;

¹⁵ Descrição do jogo: “Dois jogadores. O jogador B olha para o jogador A. A é o espelho, e B inicia todos os movimentos. O jogador A reflete todas as atividades e expressões faciais de B. Olhando para o espelho, B realiza uma atividade simples como lavar-se, vestir-se etc. Depois de um certo tempo, troque os papéis, sendo que B é o espelho e A, o iniciador dos movimentos.” (Spolin, 2005, p. 55).

fazem cartões. Tom (personagem¹⁶) coloca música de festa *All need is love*, interpretada por Jup do Bairro, Rico Dalassam e Linn da quebrada. Todes comemoram, enfeitam a parede/lousa com giz, vestem adereços de festa. Personagens interagem e curtem a festa. Toco o pandeiro, todes congelam, já sem chapéu, enquanto Luano digo “Já passaram duas horas e o Chris ainda não chegou! Podem continuar a festa com essa informação” e toco o pandeiro novamente, a festa recomeça com muitas preocupadas. Melhores amigos comentam que Chris não está respondendo as mensagens. Tiro a touca e visto colar e mochila da personagem Mãe do Chris, que entra em cena “Bom dia!” e grita “Eu quero saber onde tá a Christiane?!” Todes ficam abismados, a olhando. Eu no papel de mãe que faz um desabafo “Ela sumiu já faz dois dias! Dois dias, e ela nunca fica sem me responder!” Amigos do Chris tentam consolá-la, e a mãe continua “Ela só deixou essa bolsa (mostra a mochila), abram, por favor, eu não tive coragem...” Alguns dizem: “Melhor não abrir...” Mãe insiste “É a única pista!” desesperada. Lorena(personagem) “Chris vai ficar uma fera” até que decidem abrir a mochila. Encontram um envelope com um post-it escrito “para Luciana”. Ninguém sabe quem é Luciana. Na mochila também tem roupas. A mãe tira uma camisa da bolsa e a abraça “minha menina” chorando. Todes começam a ler várias poesias de dentro do envelope. Começa uma série de suposições. Acham várias caixas de remédio vazias “Gente, o Chris tomava tanto remédio assim? A senhora sabia disso?” pergunta Arthur para Mãe. Mãe diz não saber. Encontram um bilhete com dois nomes Paulo Vaz e Demétrio Campos, chegando o bilhete nas mãos de Bru(personagem) que diz “Demétrio Campos é o nome de um trans suicidado; suicidado se diz quando a sociedade suicida alguém, que nem um indígena que também foi, esqueci o nome...” Todes ficam mais tensos. A Mãe vai ficando nervosa; muitas perguntas surgem “A senhora sabia que o Chris é trans?” “Bobagem!” ela responde. O momento vai ficando cada vez pior com convidados cada vez cobrando mais respostas que a Mãe não responde, até que Mavi diz “A gente sabe que na verdade o Chris não tá bem”.Tiro o colar e encerro esse primeiro momento ficcional.

Deito num papel craft grande no chão e contornam com canetinhas o meu corpo, formando minha silhueta no papel. Me levanto “agora vamos escrever nessa silhueta quem é o Chris, palavras, desenhos, características que vocês acham que o Chris tem”, enquanto tocava a música *Solamento* da banda Tuyo.

¹⁶ Usarei “personagem” quando a pessoa está interpretando, imersa no jogo de papeis, e “participante” para quando a pessoa é ela mesma, fora da ficção.

Após esse momento, finalizamos com a convenção “Vozes na cabeça”¹⁷. Pedi que as pessoas participantes formassem duas filas (uma representando a sociedade e a outra amigos e família ou a psicóloga). Uma pessoa que seria o Chis passava no meio dessas duas filas enquanto cada uma nas fileiras dizia algo de apoio ou julgamento. Palavras de consolo e preconceito foram ditas. Todos passaram no meio, incluindo eu.

Encerramos assim o primeiro episódio do processo e então fizemos uma roda para compartilhar as impressões. Muitos comentaram sobre quão pesado foi passar no meio das filas, Pet(participante) comentou “Foi pesado, fiquei imaginando como deve ser ouvir isso a vida toda; comecei com vontade e fui desanimando até o fim das fileiras, deve cansar uma vida inteira ouvindo isso.” O debate se adensou, Bru(participante) questionou “Interessante essa questão do transmasculino. Tipo, quantos transmasculinos cantores vocês conhecem?” perguntou para a roda “E transfemininas?” Grace também comentou que enquanto pessoa da fileira que fazia os comentários, percebeu que não era muito legal dizer frases que afastassem, como “fica bem” e coisas assim genéricas “Então pensei em frases mais inclusivas, como me manda sua playlist, vou passar na sua casa”. Arthur(participante) disse “Eu percebi no lugar de sociedade (nas fileiras) que eu também faço parte dela, e assim comecei a falar coisas melhores.” Bru(participante) falou sobre ter visto um stand up “misógeno, homofóbico, racista, lesbofóbico” e comparou ouvir piadas preconceituosas com o que ouviu nas fileiras. Muitos relataram emoção; Arthur(participante) questiona a culpa recair sobre a mãe “isso me incomodou”. Noah(participante) comparou-se a Chris, porque sendo trans tem sido isso o que ele tem ouvido durante toda a sua vida.

¹⁷ Nome original *Voices in the Head*. Tradução: “O grupo utiliza como forma de refletir e desconstruir a complexidade de uma difícil escolha enfrentada por um personagem do drama. Outros representam e falam em voz alta os pensamentos possivelmente discordantes na mente do personagem em um determinado momento, ou atuam como elementos conflitantes de uma consciência coletiva que evidencia um diálogo interior e compara e contrasta conselhos baseados em escolhas morais ou políticas. É possível desenvolver ainda mais esta convenção, permitindo ao personagem a oportunidade de interagir diretamente com as vozes e, assim, desafiar o conselho oferecido; além disso, as próprias vozes podem se envolver em debate enquanto o personagem escuta”. (Neelands, Goode, 2000, p.92)

Segundo episódio do processo de Drama *Chris*:

Em roda, agradeço a presença de todes e explico que o encontro terá dois momentos, o primeiro com jogos teatrais e no segundo o episódio do Drama propriamente. Começamos jogando “Quem começou o movimento?” (Spolin, 2005, p. 61)¹⁸, somente o Thiago e a Lorena(participantes) acertaram quem iniciou o movimento, com destaque para o Thiago que acertou muito rápido, menos de segundos. Todos riram, foi uma parte de concentração mas também muito divertida, em seguida fizemos o “Ruas e Velas” (Spolin, 2012, p. 58)¹⁹ tivemos um pouco de dificuldade em organizar o grupo, mas alguns colegas ajudaram e rolou. Todes participaram tanto como ruas e velas quanto como quem corre e quem pega. Então começaria o segundo momento, o processo de Drama.

Pedi para que todes demarcassem o chão com fita crepe e os objetos de infância do quarto do Chris (que já havia instruído todes a trazer). Enquanto demarcavam o “cenário” eu recapitulava o que aconteceu no primeiro episódio. Finalizando o “mapa” da casa pedi para que andassem no espaço “Imaginem o Chris, o que ele passou nessa casa, do que ele gostava de comer, do que gostava de brincar, se tinha alguma relação de opressão, da mãe com o Chris, do pai, se o Chris também era opressor... pensem nas relações de opressão e quando eu bater o pandeiro quem tiver no quarto do Chris (demarcado com fitas no chão) vai formar uma imagem dessas reações de opressão (inspirado no Teatro Imagem de Boal). O restante do grupo observa.” Ao meu comando formaram várias imagens. Então pedi para que todes se posicionassem em volta da demarcação da casa “Vai tocar uma música e a dona dessa casa, quem mora ali antes de Chris nascer, a mãe do Chris, vai ouvir essa música que faz ela pensar tanto nele, peço que fechem seus olhos e quando acabar a música podem abrir os olhos. Enquanto toca a música, Tom vai posicionar vocês dentro da casa. Quando acabar a música abram os olhos e já estaremos nos

¹⁸ Descrição do jogo: “Os jogadores ficam sentados num círculo. Um jogador sai da sala enquanto os outros escolhem um líder para começar o movimento. O jogador é então chamado de volta. Ele fica no centro do círculo e tenta descobrir o líder, cuja função é fazer um movimento – bater os pés, acenar a cabeça, mexer as mãos etc. – e mudar de movimento quando quiser. Os outros jogadores imitam esse movimento e tentam evitar que o jogador do centro identifiquem o líder.” (Spolin, 2005, p. 61).

¹⁹ Descrição do jogo: “Quatorze ou mais jogadores. Eleja um “mocinho” e um “bandido”. Os outros jogadores, em pé, formam fileiras com um número definido de jogadores e estendem os braços para os lados ou na altura dos ombros. A um sinal do coordenador, todos se viram um quarto de circunferência para a direita, bloqueando a passagem do mocinho ou do bandido. Quando o bandido for pego, permita que os jogadores escolham seu posicionamento. Quando o sinal dado é “Rua!”, todos os jogadores ficam de frente para o instrutor e quando o sinal é “Velas!”, todos ficam de frente ao quarto de circunferência. O mocinho e o bandido não podem colidir ou atravessar o bloqueio formado pelos braços.” (Spolin, 2012, p. 58).

personagens”. Então começa a música *Das Estrelas* de As Bahias e A Cozinha Mineira. A Mãe (eu) canta enquanto toca. Então estávamos todos na sala de estar da casa determinada por fitas. Eu, mãe “Reuni vocês aqui porque não sei mais o que fazer, já tem cinco dias que a Christiane sumiu, eu já falei com a polícia mas até agora nada. Nem todo mundo se conhece. Eu gostaria que vocês se apresentassem e contassem qual foi a última vez que viram minha filha”. Antes do episódio começar já havia o acordo de que cada uma deveria escolher um personagem da família ou colega de Chris. Todos se apresentaram, entre eles haviam primos, colegas da república, uma tia tabagista e a faxineira da república que era íntima de Chris. A maioria tem memórias mais distantes em relação à última vez que a mãe o viu.

Então vão pro quarto do Chris e a Mãe (eu) peço que cada uma pegue um objeto (brinquedos) e fale uma lembrança com o Chris e esse objeto. Dentre os objetos surgiram uma caixinha que a tia tabagista disse usar de cinzeiro, uma *Little Poney* e um carrinho que um primo conta ver Chris ter que escolher “brinquedo de menina” não podia brincar de carrinho, aí escolhia a *Little Poney* porque é rosa, mas ele deu seu carrinho escondido para o Chris. Tia tabagista diz “Ah, Márcia (nome da mãe do Chris) mas você sabe que esse menino é viado!” e tosse. Um outro primo expõe que a tia escolheu uma blusa feminina para o Chris, mostrando um *baby doll*, um colega de quarto pega uma pulseira com cruz e fala sobre o Chris ter que lidar e conviver com a culpa religiosa “Ele rezava e sentia que iria pro inferno”.

Após esse momento fomos para a lousa para a convenção “Eventos críticos”²⁰ fazendo uma “linha da vida” elencamos os principais eventos, momentos decisivos em toda a vida do Chris. Dentre os eventos anotados na lousa pela turma estavam: nasceu, gênero imposto, pai abandonou, transição etc.

Então separei alunos em dois grupos para a convenção “Um dia na vida”²¹, cada grupo seria responsável por criar a cena das últimas onze horas (cada grupo) antes de Chris

²⁰ Nome original *Critical Events*. Tradução: “Com base em seus entendimentos sobre desenvolvimento de personagem, os membros do grupo identificam eventos críticos na vida desse personagem que o levam a um momento de “efetiva surpresa”, gerando o choque do novo entendimento (os momentos escolhidos devem identificar um ponto da descoberta e do conhecimento dominado) ou o “ponto de virada” de uma vida, o que representa um momento de escolha e tomada de decisão. Se as decisões tomadas são certas ou erradas, se as consequências serão mais ou menos do que esperava, se o personagem entende as razões da escolha feita ou não, são todos imateriais no momento em que a convenção é utilizada. No entanto, essas questões todas esperam interrogatório com o desenrolar do drama.” (Neelands, Goode, 2000, p. 31).

²¹ Nome original *A Day in the Life*. Tradução: “Esta convenção funciona para trás de um evento importante, a fim de preencher as lacunas na história de como os personagens chegaram no evento. A sequência cronológica é

desaparecer; as últimas duas horas seria uma cena surpresa feita por mim e Lorena(personagem). Cada grupo teve 20 minutos para preparação da cena. O primeiro grupo mostrou um Chris muito deprimido, todes já estão acordades em cena e ele só quer dormir, até que sai sem se despedir. O outro grupo fez a cena dele indo ao mercado comprar um bolo, mas durante um momento que seria simples e banal (comprar um bolo de aniversário) acaba sendo um momento constrangedor onde erram seu pronome e o tratam como garota que precisa ir à igreja para se curar.

A cena surpresa com Lorena foi a seguinte: Chris e sua namorada conversam corriqueiramente, quando Chris entrega uma carta para ela e diz “Se acontecer algo comigo, abra essa carta” a namorada acha que é brincadeira mas se preocupa. Saem de cena. E assim finalizamos o episódio. “Finalizamos com essa carta, a partir de tudo que vimos até agora, vamos cada ume escrever a carta que Chris deixou, todes me mandem a sua versão por e-mail e escolheremos a melhor para continuar a história.”

Terceiro e último episódio do processo de Drama *Chris*:

Em roda, agradei a presença de todes e começamos com a carta escolhida, que foi a carta da Luanne, todas as outras cartas recebidas eram muito curtas ou muito vagas, falando somente sobre sumir em poucas linhas, a da Luanne estava mais elaborada então foi a que escolhemos:

Carta Aberta...

Desde muito tempo, desde quando até eu me reconhecia no sexo feminino, as pessoas só me veem assim e já faz um tempo que eu não me sinto bem com isso, não me sinto mais parte dessa realidade!

construída a partir de cenas preparadas por grupos, envolvendo o personagem central em vários momentos diferentes nas últimas 24 horas. Após as cenas são executadas em conjunto, cada cena na sequência e posteriormente reformuladas para levar em conta a influência das cenas de outros grupos.”. (Neelands, Goode, 2000, p. 30).

Não sou Christiane, sou do sexo²² masculino, meu nome é Christiano, mas prefiro que me chamem de Chris...

Cada vez passo por situações constrangedoras, como a família que não aceita, a sociedade que me maltrata e chama de ela, as palavras horríveis que escuto e os preconceitos que sofro. Não aguento mais essa realidade tão triste, peço perdão àqueles que amo e à quem me ama, mas não posso continuar assim!

Por isso, essa carta é a minha despedida, não sei se voltarei, se conseguirei fazer o que planejei ou não, então caso eu já não volte ou mesmo se eu voltar, para que tenha sentido tudo pelo que passei, peço que respeitem mais as pessoas e suas escolhas, principalmente as que, assim como eu, não se sentem bem com a sexualidade²³ que lhe foi definida no nascimento, suplico que deixem as pessoas serem quem elas quiserem e respeitem isso, por favor!

Caso eu volte, até logo, mas caso alguma coisa aconteça, adeus!

Chris

A personagem escolhida para ler a carta foi a “tia” da limpeza da república do Chris. Após lermos a carta eu separei o grupo em três grupos e entreguei para cada grupo um envelope com 5 notícias sobre transgeneridade, dentre ela, tem as notícias de dois trans suicidados e uma com dados de suicídio de pessoas trans da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Thiago(participante) comentou “Pesado”. Nesse clima, comecei a contar que no dia do seu aniversário Chris foi até a casa de Jonas, seu melhor amigo (do primeiro episódio). Chris estava lá esse tempo todo e muito deprimido, pensando em suicídio e em expressar suas dores, fazer algo no jornalismo, um documentário, um curta, que fale sobre pessoas trans. Nessas

²² A participante do processo Drama utilizou o termo sexo, quando o mais adequado para se referir a identidade de Chris seria “gênero”, uma vez que não usamos mais a palavra transexual, mas sim transgênero, evidenciando que transgeneridade é algo cultural e não biológico, um papel social e não um sexo.

²³ A participante utiliza-se do termo sexualidade como se fosse essa a questão do Chris, quando na verdade o termo mais adequado para o que é definido no nascimento é o gênero. Cabe aqui sabermos a diferença: gênero é sobre o que somos, como nos identificamos. Enquanto sexualidade é sobre com quais gêneros/pessoas nos relacionamos, é sobre o que desejamos. Por exemplo, meu gênero é não binário, boyceta, já minha sexualidade é pansexual: alguém que se relaciona com pessoas, independente de gênero. Outras sexualidades comuns: hétero ou homossexual. Outros gêneros: mulher, homem e/ou travesti.

circunstâncias Jonas entregou uma caixinha com os cartões para Chris. Entreguei então para a roda aqueles cartões que todos escreveram para Chris lá no primeiro episódio. Cada um deveria então abrir o cartão como se fosse Chris e ler em cena o que estava escrito ali. Um por vez, fomos reverberando frases de carinho. Então disse “O Chris não se matou. Ele decidiu fazer um curta sobre transgeneridade.” Separei o grupo em dois grupos menores para que cada um deles criasse uma cena desse curta produzido por Chris. Foram 30 minutos de preparação. O primeiro grupo apresentou uma balança em que seus pesos positivos ou negativos para pessoas trans aumentam ou diminuem a probabilidade de suicídio. O segundo grupo falou muitas palavras de afirmação e trouxe também entrevistas com familiares de pessoas trans, com pais que aceitam.

Fizemos uma roda final para avaliação do processo e houveram muitas falas de reflexão cisgênera sobre a vivência transgênera, sobre como o processo conseguiu gerar pontos de vistas sobre essa questão e alertar sobre o sofrimento e a causa. Pude ouvir de um transmasculino formado aqui na UFU e participante do processo “eu nunca imaginei nem vi na UFU algo sobre isso” outra participante “eu pude refletir sobre esse lugar de ser uma pessoa trans”, muitos comentaram sobre a emoção que o processo causou e também vários/as participantes cisgênero/as disseram que entenderam melhor suas amigas trans, suas possíveis dores e complexidades. Avaliando agora de forma mais empática suas posturas em relação as pessoas trans. Elogiaram também minha condução, como desenvolvi esse universo fictício com elas. Todo esse retorno me encorajou. Senti-me inspirado para a construção do solo a partir das reverberações do processo de Drama, não somente pela narrativa que construímos, mas também pela recepção que tive e retorno sobre minha atuação, tudo isso reestruturou minha autoestima enquanto ator, autor e professor.

1.2 Processo de montagem *Da dúvida ao erro: fragmento de um NB no BR*

Após o término do processo de Drama, em orientação, Tom me indicou uma leitura, o livro *O Parque Das Irmãs Magníficas* de Camila Sosa Villada uma escritora travesti, que em seu livro traz a vivência de travestis na prostituição em Córdoba, cidade da Argentina. Lendo este livro me veio a vontade de explicitar temas densos da minha experiência como o estupro, e também me utilizar no roteiro do espetáculo das minhas poesias, apresentando um contexto lúdico. Até que decidimos escrever o roteiro inteiro com poesias e chegamos à conclusão, eu e

Tom, que o cenário seria a sala de aula. Não somente por essa questão didática que um espetáculo sobre não binariedade pode apresentar, mas também por essa dicotomia de apresentar tudo isso em um ambiente que tanto oprime pessoas trans. Então eu seria um professor explicando de forma poética a minha denúncia.

A construção do roteiro foi uma roteirização de várias poesias que já possuía, eu fui entendendo e construindo uma narrativa de acordo com a minha biografia e a definição de cenas de acordo com essas escritas pessoais, quando terminei o processo da escrita levei para o ensaio e Tom começou comigo a construção de uma partitura corporal para essas falas, um contexto visual, a criação das cenas propriamente ditas. Ensaio a ensaio damos forma a um transmasculino interagindo com uma bola de futebol, um salto alto e imagens dos seus próprios desenhos e da sua infância numa imersão da sua própria autobiografia. Nasce o espetáculo solo *Da dúvida ao erro: fragmento de um NB no BR*. A seguir uma "partitura" da minha performance em cena:

Imagem 1- desenhos da “partitura” da minha performance.



Fonte: acervo pessoal. Autor: Luano Moura.

Essa partitura corporal foi revista e reinventada durante todo o processo até hoje. Precisamos também, para a execução do espetáculo, de uma equipe que esteve conosco a cada ensaio, a equipe se formou por na manipulação de projetor (projetando os vídeos das cenas) meu irmão gêmeo Luís Pedro, na operação de som (manipulando a trilha sonora): Neto Basílio, concebendo a iluminação Camila Thiago, juntamente com operando a luz: João Marques e fotografando o espetáculo: minha cunhada Sthefany. No dia da apresentação também houve a filmagem realizada pelo técnico Alessandro.

A seguir o meu relato da estreia do espetáculo:

Hoje chorei de felicidade. Antes de me apresentar em meu solo *Da dúvida ao erro: Fragmento de um NB no BR* estava pura ansiedade, o dia inteiro, “com um diabo no peito”, chega a hora que marcamos para montar tudo, cenário, iluminação etc, o Edu Gasperin (marido do meu orientador) me dá uma flor e me deseja “merda”! estou quase explodindo. Me lembro quando era criança um professor de teatro dizendo “o normal é o coração acelerar quando entramos em cena, se não acelera não é bom pro teatro” e aqui estou eu há tanto tempo tentando isso e nesse eterno tentar, isso deve ser teatro. A minha mãe veio lá de Caraguatatuba - SP para me assistir. Isso para tantos deve ser comum, mas na minha família minha mãe só consegue vir me ver uma ou duas vezes por ano, e eu quase nunca vou lá. Isso por uma questão financeira, e é também essa questão financeira que me move, pois esse projeto envolve dinheiro e esse convite é do tipo que minha mãe, que não tem nada, vai poder contar pras amigas, se gabando “meu filho fez uma peça na Universidade Federal”. Minha família já chegou. Estão todes esperando na porta, eu vou recepcionando quem chega, muitas amigas trans. Algumas pessoas que participaram do processo de Drama *Chris*. Eu entro na sala e me alongo, testamos a luz, faço o aquecimento Lorença, é um exercício teatral que aprendi quando criança, é simplesmente se abaixar tocando o chão e se levanta toda vez que na música se fala “Lorença” ou um dia da semana. A música: “Lorença queria Lorença, quando nós vamos nos encontrar? Segunda, ah se já fosse segunda...” (vai aumentando os dias da semana e abaixando e levantando pra cada um). É um exercício simples só com o corpo que aquece muito, eu sempre faço para entrar em espetáculo. É chegado o momento, todes vão entrando e se sentando, quando apago a luz e acende a luz cênica, começamos o solo. Dando vida à narrativa, o público presente me alimenta.

Deu tudo muito certo, o público lotou, a luz funcionou, elogiaram a trilha sonora, muitas choraram, o que mais me chamou a atenção em relação ao público foi a quantidade de pessoas trans, nunca tinha visto uma sala da UFU com tantas. No fim do espetáculo convidado todos, quem quiser, para deixar uma frase, palavra ou desenho que represente quem são no quadro. Muitos deixaram, escreveram “amor”, “medo”, “poder bixa”, “travesti” desenharam corpos... Fiquei muito feliz, tão feliz que quando cheguei em casa depois de tanto sentimento, chorei de felicidade.

Morri.

Não os meus poros sedentos

Por água e justiça

Morri

Mas resolvi ressurgir

Voltar zumbi de minhas cinzas.

Lúcida

Louca

Quão tênue sou?

Preso em roupa

E em rancor.

Fuga, de louça

Ódio e temor

Morri

E ainda vive em mim

O que me matou.

1.3 Considerações

Através do projeto de pesquisa PINA, especificamente no processo Drama *Chris*, foi a primeira vez que conduzi uma turma de teatro com tantas pessoas (13). cursando Licenciatura em Teatro, me ver como professor-personagem²⁴ foi desafiador e empolgante. Tom estava em apenas alguns papéis complementares, guiei a turma enquanto performava e fui guiado pela turma interpretando. Me deixar afetar pela experiência me ensinou muito sobre minha própria capacidade e auto estima, já que em 2019 (ano que ingressei no curso) ainda estava em depressão bipolar pós um surto. O processo de Drama *Chris* nunca foi somente sobre um alguém trans, mas sobre um transmasculino neurodivergente²⁵. Logo no início é encontrada sua mochila com poesias (que revelam uma mente entristecida e apresentam questões de gêneros) e caixas de remédios psiquiátricos (que diz sobre sua condição de transtorno). Todos esses assuntos são pesados, delicados e para muitos traumáticos, por isso não sabia o que esperar da experiência com a turma. No entanto me senti acolhido²⁶, que todos estavam imersos no que propusemos e também sanando muitas dúvidas sobre o universo transmasculino, ou pelo menos instigando a vontade de conhecer, plantando uma semente para a busca de dados e informações sobre a questão de dissidência de gênero.

Pela primeira vez pude desenvolver um Drama, pensando o passo a passo de um processo que desencadearia novas descobertas da minha própria narrativa, o que me deixou muito nervoso no primeiro episódio, mas também me inspirou nos consequentes. Agradeço demais aos participantes e ao meu orientador Tom Menegaz, que pesquisa Drama há anos e me inspirou e ensinou atentamente e com uma empatia e cuidado com minha causa que não encontro em quase nenhum cis. O processo Drama *Chris* foi um sucesso e assim pude esperar o sucesso da construção do espetáculo solo. E aqui fica a reflexão sobre ter o sucesso do fazer, não o sucesso de acertar, afinal é teatro, “antes feito que perfeito”.

Desenvolver a aula espetáculo junto com Tom, ensaiar com a equipe, apresentar para 35 pessoas e especialmente para minha mãe, foi explícito e complexo, ela disse após o espetáculo

²⁴ Professor personagem é o condutor do processo de Drama, quem através de um personagem conduz alunes na narrativa desenvolvida por todos;

²⁵ Neurodivergente é um termo utilizado para se dizer sobre alguém neuroatípico, divergente do neurotípico (isto é, quem apresenta alterações neurológicas no neurodesenvolvimento). Como foi narrado na introdução eu tenho o diagnóstico de bipolaridade, que trato desde os 19 anos, sendo eu um neurodivergente, assim como o personagem Chris também era.

²⁶ Às vezes me refiro a mim mesmo no masculino, outras vezes na linguagem neutra, isso se deve a me reconhecer em ambos os pronomes (ele/elu).

“intenso, eu tenho que assistir de novo, muito intenso, muita informação”. Imaginem que ela acompanhou minha autobiografia de perto, muito do que trago em cena ela acompanhou, estando ao meu lado em tantas violências que sofri. Minha irmã e meu irmão choraram com as cenas, assim como outras pessoas do público. Um não binário em cena, falando sobre não binariedade, aconteceu no edital do PINA, no campus Santa Mônica da UFU.

Eu este corpo
Carregado de memórias
Corpa antes
Corpa agora
Despenada
Corpa intacta?
Eu sou o mal que me semearam?
Cabe o bem no ser ruim?
Olhos captam meus símbolos
Trans masculino?
Eu não me considero (ele?)
Eu não me considero (ela?)
Eu sou triste
Sendo estando tudo isso
Movediço me movo e lanço
Aos amores
Aos fervores
Ao risco
Este corpo já consumido
Já rodado
Já vivido.

CAPÍTULO II – DO ESPETÁCULO À SALA DE AULA: CIRCULAÇÃO DA AULA ESPETÁCULO DA DÚVIDA AO “ERRO”: FRAGMENTO DE UM NÃO BINÁRIO

Em 2023, a partir de todas as reverberações que o Programa de Iniciação Artística (PINA) nos proporcionou, e por cursar licenciatura, por ser um trans cursando licenciatura em teatro, me vem a vontade de levar minha aula espetáculo para as escolas. No entanto, minhas falas de poeta marginal com palavrões e denúncias pesadas não seriam coerentes com a faixa etária de alunes menores de idade, o que nos faz considerar uma circulação em turmas do Ensino para Jovens e Adultos (EJA). O que me fascina, pois desde que li o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, penso sobre esse universo noturno com jovens e adultes estudando.

Então fiquei sabendo do edital do Programa Institucional de Apoio à Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (PIAC/UFU) destinado ao incentivo da produção de artes de alunes da UFU, e junto do meu orientador Tom Menegaz elaboramos um projeto, intitulado, *Circulação do espetáculo solo intitulado Da dívida ao erro: fragmento de um nb no br em turmas de educação de jovens e adultos EJAS de Uberlândia*. Assim que aprovado nos foi possibilitada a contratação de uma equipe, contando com iluminação, designer, produção, manipulação de som, manipulação de projetor, operador de luz, sonoplasta e fotógrafo. O projeto tinha como etapas previstas: ensaio/pré-produção técnica, apresentação/circulação espetáculo nas escolas e análise das apresentações/escrita sobre o processo.

No contexto da educação básica geralmente professores e demais funcionários, toda a instituição não respeita o nome social, a identidade trans de crianças, adolescentes e adultes. Não há respeito na hora da chamada, na utilização de banheiros e demais convivências com colegas cisgênero/as. Assim, segundo notícia da Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana (ADUFS) 82% da população trans abandonaram o ensino médio entre os 14 e os 18 anos. Onde estão as narrativas trans? Excluídas do ambiente escolar (educação básica e universitário)? Como combater esse imaginário transfóbico? A valorização de narrativas contadas por pessoas trans na escola tem um papel fundamental na discussão a partir de uma ótica mais realista e coerente, com a força de denúncia e reflexão que o espetáculo traz. A circulação desse espetáculo teve total relevância para a comunidade externa à universidade, proporcionando o contato com o teatro para alunes do Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Sendo um projeto com características extensionistas, uma vez que sai de dentro do Campus e vai ao encontro da comunidade escolar (educação básica).

As escolas em que circulamos foram Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva, Escola Estadual do Parque São Jorge, e Escola de educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA). E os objetivos específicos do projeto eram:

- Compartilhar e multiplicar saberes e vivências trans no ambiente escolar;
- Debater e denunciar violências de gênero;
- Promover espaço e propagar o consumo da arte LGBTQIA+;
- Aplicar o artigo 43 do Capítulo I das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica em seu trecho § 3º “A missão da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, etnia e diversidade cultural que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular são componentes integrantes do projeto político-pedagógico” (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação, Brasília, 2013, p.75)

O projeto teve como metodologia:

- a) Ensaios: Encontros semanais, presenciais com intuito de relembrar a dramaturgia (memorização); ajustes de cena, com acréscimo de novas cenas; trabalho corporal;
- b) Pré-produção técnica: ajustes de iluminação, som e mídias. Contato com as escolas que iriam receber o espetáculo;
- c) Apresentações nas escolas que possuíam a EJA. Circulação do espetáculo;
- d) Pós-produção: análise sobre apresentações, escrita sobre o processo.

A contratação da equipe se deu de forma online, a partir da avaliação de documentação como comprovantes de experiência na área e carta de interesse. Em pouco tempo a equipe já estava formada, no entanto uma das funções, a de sonoplastia, não foi cumprida, sendo que o responsável por ela estava em um momento conturbado e não pode estar presente conosco. Então conversei com ele e, como a sonoplastia já havia sido planejada por mim no PINA, preferi seguir sem uma nova sonoplasta e me utilizar dessa sonoplastia anterior. Conversando com ele, decidimos juntas que não mais contratá-lo seria o ideal, uma vez que ele confessou que não o prejudicaria abrir mão do cargo.

Então ensaiamos de julho a setembro de 2023 com a equipe: iluminação: Lupac; designer: André; produção: Luck Gabriele; manipulação de som: Diulia Granatto; manipulação de projetor: André Rodrigues; operador de luz: Pedro Soliran; fotógrafo: Eric dos Santos Silva. Além desses nomes, que vieram via PIAC, o projeto contou com direção: Tom Menegaz; preparação corporal: Ana Carolina Tannús; e dramaturgo e performer: Luano Moura.

Em seguida, apresento o relato de um dos primeiros ensaios e do último ensaio antes da circulação nas escolas:

20 de julho de 2023

Estamos ensaiando às quintas uma passagem técnica com operadores e iluminador e na quarta passagem de som e sexta mais focado em direção/atuação. No último ensaio o Tom (diretor) disse que as falas estão no mesmo ritmo, como se eu já tivesse mecanizado o texto. Então treinei, aperfeiçoando as movimentações com técnica corporal Ana Carolina Tannús (Nina) e tentei mudar a intensidade das falas. Falando sobre o tempo, meu corpo tem estado estafado na correria, não tive férias, é cansativo. Nos encontramos, eu, Tom e operadora de som Diulia. Montado o cenário (apenas uma cadeira) com adereços. Começo jogando a bola e “gool!” Acerto a bola em cheio no espelho, que quebrou por completo. Limpamos e apesar dos “7 anos de azar” me inspirei. Queria dar mais cor e sentido às frases. Os momentos de cena em que dou aula tiveram alguns ajustes, estou improvisando e começando a me apropriar deles. Amanhã tem mais.

Durante os ensaios, uma nova composição de luz foi criada e experimentada, muito diferente da desenvolvida no PINA. Para a iluminação Lupac se utilizou de um foco de luz potente e um retroprojetor, para as cenas mais “poéticas”, e para as cenas de sala de aula decidimos por acender as luzes brancas da sala, num contraponto, uma quebra da quarta parede, onde Luano deixa de ser ator e passa a ser ator-professor.

21 de setembro de 2023

Hoje é o último ensaio com a equipe antes da primeira apresentação em turmas EJAs. Acordei e fui no centro da cidade comprar um espelho para cena em que me maquiei conversando com o público (como havia quebrado ele no início do ensaio já havia sido substituído por outro de luz led que veio com defeito, então decidimos comprar outro para o iluminador colar luz nele). A equipe presente é manipuladora de projetor André, iluminador Lupac, operação de iluminação Pedro e operadora de

som Diulia. Apesar do cansaço, me fiz presente, e tem sido um presente amadurecer em cena. A verdade é que com as escolas no horizonte, não sei o que esperar dessa experiência, talvez também pela potência que isso pode alcançar. Da dúvida ao erro expõe várias questões desse ser Luano, é pessoal e íntimo assumir-se “errado” por si só em uma sociedade tão transfóbica.

Houve alterações no roteiro. A partitura corporal seguiu com aperfeiçoamentos, demos total foco somente essa parte corporal com Ana Carolina Tannús (Nina), expandimos algumas movimentações, dando ênfase em algumas cenas.

Durante os ensaios eu e Tom escolhemos para a Circulação nas escolas, assumir o espetáculo *Da dúvida ao “erro”: fragmento de um não binário*, enquanto aula e espetáculo, e o que mudou para essa nova versão? Construimos duas novas cenas, em que eu me desloco do lugar de ator, e passo, com ajuda da lousa, ao lugar de professore que explica alguns termos do “universo trans não binário”. O que foi um grande desafio para mim que já estava habituado ao roteiro anterior, todo decorado, sendo que neste novo, as cenas de profesore seriam mais improvisadas, com minha explicação autêntica e abertas para perguntas, brincando com esse lugar de espetáculo em contraposição à uma proximidade de professore/alunes com o público, nasce a aula-espetáculo.

2.1 ROTEIRO DO ESPETÁCULO

Segue o roteiro final da Circulação nas escolas de educação básica e na UFU do espetáculo *Da Dúvida ao Erro: Fragmento de um não binarie*, de minha autoria, Luano Moura.

Espaço: sala de aula com um quadro, cadeiras em fileira para o público e uma cadeira centralizada como cenário. [música Prada-Arca] Luano corre jogando bola de futebol e fazendo movimentos de balé. Grand pliê e sisone e então joga a bola para o público. Dando a fala nesse jogo de dar e pegar a bola do público

Luano: Cresci com meu pai dizendo “mulher tem um arame farpado no coração” (joga a bola) me questionava se com isso ele colocou um no meu.(joga bola) Mesmo eu não sendo uma mulher. O que é ser mulher? O que é ter que ser mulher? Pra

minha buceta e a sua imposição por genital. (senta na bola) Útero não é mulher. Batom não é mulher. Saia não é mulher. Tetas não são mulher.

Eu já fui mulher?! talvez eu fosse algo por cento mulher. Mulheridades sobrevivendo no br. (Indo se sentar na cadeira) Mulher é o que? Mulher o que é? (Sentado) Eu já nasci não-mulher.

Luano (cantando): “Chora menina, chora
Sofre porque quer,
Em nome de Deus cê nasceu pra ser mulher(quem é)”

Luano se levanta e caminha até o telão, onde o projetor reproduz um video dos seus desenhos, interagindo com as imagens.

[audio/voz/video corpos zine]

meus pedaços estão aqui

Cara torso

Quadril tombo

Sobrepostos

fenda praia

minha água doce

não é feminina

nem o sangue é chacina

não binário

nada sagrado

sagrado feminino

sagrado masculino

meu corpo não é sagrado

obra escárnio

eu mesmo de verdade

meu corpo tarde

andarilho e
nascidouro do apocalipse
mãos pequenas
pés peludos
mundo
de um lado maior que o outro
cabeça
costela
cu
arrombo
pensamento hediondo
que dá vida ao corpo.

[Música *Prada* interpretada por Arca] Luano sobe na cadeira e dança de costas pra plateia, as vezes olhando pro público como num jogo de flerte, música diminui e Luano se vira como quem anuncia um espetáculo.

Luano: E agora com vocês Oh boyteta!“Afinal o que é ser um boyteta? Nascer um garoto de buceta... (aula transmasculino/boyteta) Eu sou masculino. Meus pronomes são neutro e masculino. Meu peito é masculino.E essa é uma história masculinamente real.

[música *Prada* interpretada por Arca] Luano calça o salto e desfila pela sala, até achar a bola e jogar bola de salto parando a bola no fim e dando um tapa no próprio rosto.

Luano (enquanto se "amassa"): não me cultue

O teu tesão me diminui

Se só erótico

Pareço ao seu ver

Quero distância de você

E do seu apelo
Ao entender que seio
É atraente naturalmente
Mente que mente
Pra si e pro mundo
negando o que há de primordial
muito mais formas que a binariedade
outras tantas corporeidades
corpos vivos tem intenção em si.

Audio sobre estupro Luano fica em velocidade mais lenta tirando o sapato e posicionando ao lado da bola enquanto ouve audio e encara o público.

[áudio]

Teve um dia que eu achava que o mundo ia acabar, tinha passado a noite na rua. Aí era meio-dia mais ou menos eu fui num rio que tinha na frente do teatro da cidade e tirei a roupa. Era no centro da cidade. Tirei e mergulhei num rio que desembocava no mar. Depois saí da água pra praia. Ainda nu. Algumas mulheres perguntando se queria ajuda. Eu seguindo em frente. Um cara tirou a camisa e me deu, eu vesti como short. Já estava em um bairro rural. As ruas vazias. E eu sem camisa, com uma garrafa vazia na mão. Foi assim que ele me encontrou. E eu sem camisa, com uma garrafa vazia na mão. Um homem de uns 30 anos, estava numa moto e me ofereceu carona. Aceitei, eu queria ir pra pista, ele me levou pra um terreno baldio. Me guiou até lá dentro e começou a beijar meu peito. Cedi. Rolou ali, assim, o meu estupro.

Luano caminha até um canto da sala e de costas "abraçando a si mesmo".

Luano: Eu não entendo o porque estou nu

eu só estou

desnudo assim...

me lêem tão fêmea

eu correndo nu e a cidade inteira me
viu nua e eu fera cínica
jurei que o nu sou só corpo
não precisava esse roubo
dos meus símbolos
da minha buceta
virei fetiche
invisibilizade
no meu eu despido
mercenários metem a mão
me vêem sexo
eu viro estupro
dilema absurdo
ser este mundo
que te atrai
aquilo objeto obsceno
que se esvai
na sua mão

[Música *Medrosa* interpretada por Linn da Quebrada] Luano caminha até a cadeira onde está sua troca de roupa e se troca, senta na cadeira e calça o sapato até finalizar a música.

Luano: eu quero ter um bigode
to passando óleo de rícino
minoxidil 5% (começa a se maquiar)
mas eu não sou homem
não, eu não sou um homem trans
eu sou mais uma coisa
que deu certo/errado

as vezes tenho medo de parecer
homem pelo medo de parecer
mulher
não binário

(Aula não binária)

aquilo que se é no além, que se tenta o dia inteiro
transmasculino
eu não me acho 100% masculino
pareço mais uma poc
uma bofinho
tanto faz
sou não binária
é muito louco como o ser se impõe
sobre todos mas o ser pode resistir
nessa estrutura hackeando o próprio
cérebro contra a cis cultura

Corpo espetacular
Os mamilos paranoia
Os olhos esvaíndo derrota
A bunda lembrando o cu
Os dedos
Me tocam
Me tocam
Me tocam
A boca
Amargo melão
A vida fêmea

A vida macho

O nosso atraso. (finaliza a maquiagem)

A masculinidade cis é um facão que nos sufoca contra a parede.

Mas o que são outras masculinidades?

[video projetor biografico/infância]

Quando eu tinha uns 5 anos brincava com uma amiga e eu sempre escolhia ser o príncipe.

Luano se levanta e vai até atrás da cadeira.

Luano: motivo de piada

o transmasculino é perseguido

morto

inviabilizado

(Aula linguagem neutra)

Luano junta sua cadeira e se senta para assistir o próximo vídeo

[video projetor notícias suicidio/drama- Música *Solamento* interpretada por Tuyo]

Luano: Gente, isso foi um pouco, um fragmento de quem sou eu, como eu me sinto sobre gênero mostrando as minhas poesias, meus desenhos e aqui temos um quadro e muito giz então eu gostaria agora que quem quiser vir aqui pra escrever ou desenhar algo que te representa, como você se sente no mundo, podem vir!

[Música *Euforia*, interpretada por Rap Plus Zise e MC Xuxu] toca enquanto desenhavam. Após desenhos Luano se despede. FIM.

2.2 APONTAMENTOS SOBRE A CIRCULAÇÃO

Seguem algumas descrições e reflexões, elaboradas por mim, sobre a Circulação nas escolas Ângela Teixeira, Parque São Jorge, Escola de Educação Básica (ESEBA) e na Universidade Federal de Uberlândia.

No dia 28 de setembro de 2023 fomos na primeira escola (turma EJA) apresentar o espetáculo para uma turma de 8 alunos. Nos encontramos, eu, diretor Tom e a equipe (manipuladora de projetor André, operadora de som, a Diulia, o operador de luz, o Pedro, a produtora Luck e o fotógrafo Éric). Saímos da UFU às 18 horas com os equipamentos necessários. Chegamos na Escola Estadual Ângela Teixeira às 18h20, fomos recepcionados pelo professor de artes Célio D'Ávila. Já fui perguntando se tinha informado os alunos sobre o espetáculo, ao que ele disse “Eu não avisei, porque da última vez que eles souberam que tinha apresentação de teatro eles faltaram!”. A chuva que ia e vinha também poderia fazer com que não houvesse público para a aula espetáculo.

Montando os equipamentos na sala que ele nos designou, testado o projetor, a marcação da iluminação, faltavam 30 minutos para a apresentação. Fui ao banheiro vestir o figurino e pensar no texto. A calma lentamente cedeu lugar para a ansiedade. Voltei para a sala e me alonguei enquanto Tom me pedia concentração. Desejamos “merda” para todos. As pessoas começaram a entrar e se sentar. “Blackout”. Começou o espetáculo. Apesar das poucas pessoas, tiveram mais do que esperávamos, a maioria dos alunos frequentes na escola estavam presentes. No momento (cena) que abro para perguntas, não perguntaram, mas pude ver os olhares atentos e concentrados. No segundo momento em que abri para perguntas Célio (professor) perguntou o que seria “queer”. Respondo sobre a questão e ao final do espetáculo, quando sugiro que quem quiser pode escrever ou desenhar no quadro algo que o represente, somente um aluno desenha uma bola de basquete, Célio também desenha. Agradeço e com os aplausos a apresentação se encerra.

Imagem 2- Público escola estadual Ângela Teixeira



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 3- Calçando salto na apresentação na escola Ângela Teixeira



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 4-Luano e público da escola Ângela teixeira.

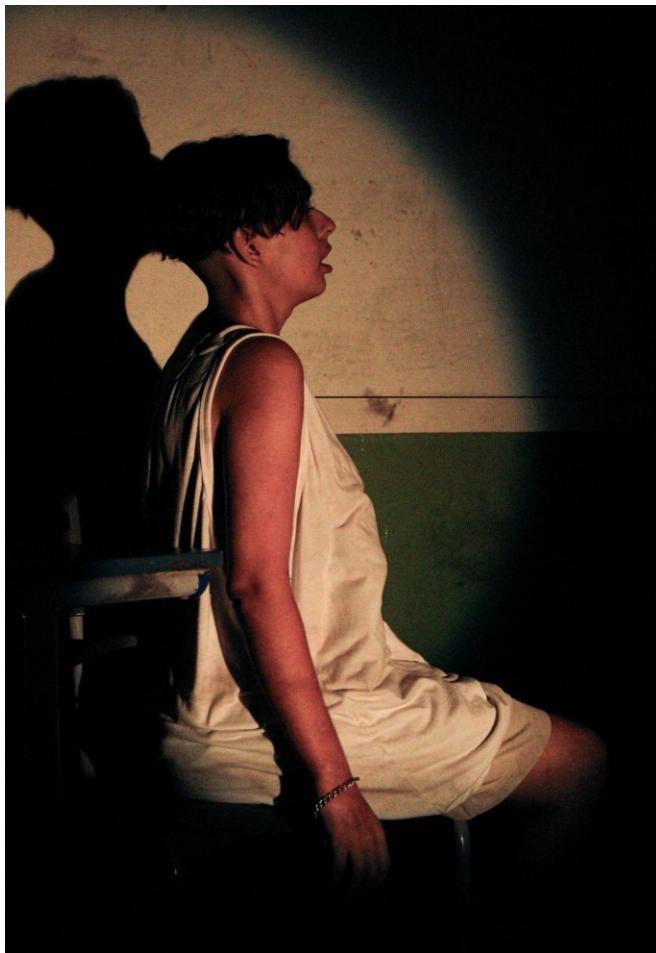


Créditos: Éric dos Santos Silva

No dia 02 de outubro fomos para a Escola Estadual Parque São Jorge. Chegamos, eu e equipe e a professora Ana Paula Pereira Botelho (de artes) não estava, mas deixou tudo combinado com o diretor, que nos recebeu. Começamos a montagem da sala umas 18h45 e o espetáculo começaria 20 horas. Vesti o figurino, testamos a luz passando as cenas do começo. Senti que minha voz estava estranha, comecei um aquecimento vocal. O espetáculo iria começar. Chegam 17 alunos e se sentam. Começo, na primeira fala sinto que estava nervoso, mas respiro e sigo, vou ganhando confiança. São vários os rostos que me olham, pessoas de variadas idades, algumas muito novas, outras bem mais velhas, uma moça grávida.

Quando chega a cena em que abro para perguntas e esses alunos interagem, perguntam sobre os termos *boyceta* e *boyteta*, como surgiram, qual o feminino disso, perguntam se *bigenero* é bissexual, falo sobre gênero *versus* sexualidade, perguntam sobre minha sexualidade. Foi muito interativo e isso deu vida à cena. Então segui com as cenas contagiado pelo “axê” da plateia tão participativa. Na cena final, de interação com o quadro/lousa varies alunos deixaram algo escrito ou desenhado. Dentre outras mensagens a que mais me chamou atenção foi “Independente de gênero, Jesus te ama!”

Imagem 5- Cantando na escola Parque São Jorge.



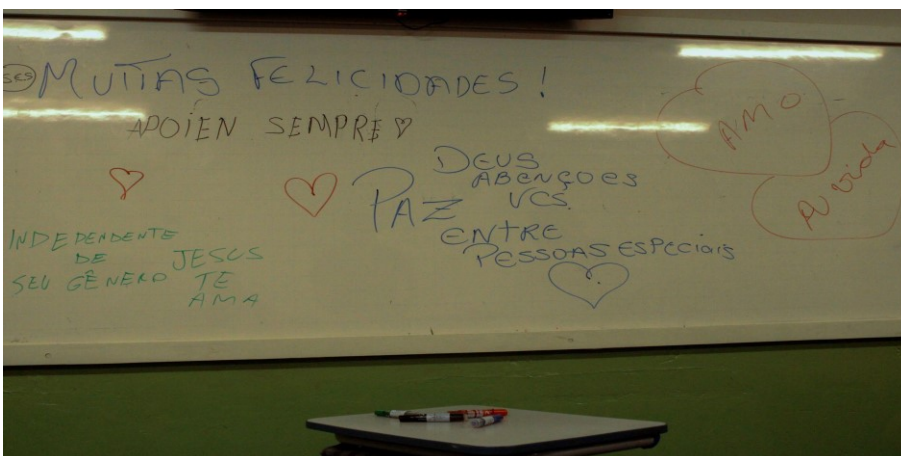
Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 6-Público escola Parque São Jorge



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 7-Lousa interação público da escola Parque São Jorge.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Após a aula espetáculo e o jantar na escola, fomos até a turma que assistiu para conversar sobre a apresentação. Os alunos muito empolgados reforçaram o quanto é importante nossa abordagem. Um moço questionou sobre a sexualidade de cada um da equipe, admirando de sermos uma equipe quase toda LGBTQIA+ (Comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e mais). Uma moça falou sobre ser evangélica mas não ter preconceito. Uma senhora me agradeceu e elogiou a iniciativa. Me questionaram sobre como me assumi e quando falei que não tenho contato com meu pai também por ele ser transfóbico, a senhora que me elogiou gritou do fundo da sala "quem tá perdendo é ele!". Luck, minha produtora disse sobre ter sido criada em família evangélica. A conversa foi longa e em certa altura perguntaram sobre o gênero do Pablo Vitar, se seria alguém trans, Luck (que já fez drag) explicou a diferença entre a arte drag e ser trans. Senti que poderíamos ficar a noite toda conversando sobre gênero e sexualidade com aqueles alunos. Escola Estadual Parque São Jorge: foi tudo.

Imagem 8- Público escola Parque São Jorge 2



Créditos: Éric dos Santos Silva

No dia 05 de outubro chegamos na ESEBA aproximadamente 18h30 para montar os equipamentos na sala. Já haviam nos informado que a turma era reduzida, aproximadamente 6 alunos. Confirmaram que seria esse nosso público. Ajeitamos tudo e fui ao banheiro vestir o figurino. Antes, na verdade, observando a sala vi que a posição do quadro em relação às cadeiras estava em lado oposto ao que ensaiamos e disse “vamos fazer invertido! Não dou conta de fazer para esse lado!”. O Tom apenas disse “Mas a sala que ensaiamos é desse mesmo lado (o que estava)!você está é cansado, Luano!” quando ele constatou, caiu minha ficha! Realmente a sala estava igual a que ensaiei tantas vezes. Então fui ao banheiro me trocar e quando voltei passando base no rosto, me concentrei lembrando minhas falas. A aula espetáculo iria começar. Entraram na sala pouquíssimas pessoas, umas quatro senhoras, um moço mais jovem e uma professora. Como em toda a Circulação, o público é a primeira grande impressão segundos antecedentes a cena. Comecei e senti as impressões a cada momento. No momento de perguntas a professora e o moço mais jovem perguntaram. Ele perguntou sobre o não binário que escrevi na lousa, terminado em “e” e o binário terminado em “o” se tem motivo para diferenciação. Explico que para não binário varia a terminologia de acordo a qual não binário me refiro, se for um trans não binário que se sente confortável com o pronome masculino posso falar “o não binário”, mas se for feminino “a não binária” e se for alguém que prefere no neutro então é “não binário” e no quadro usei neutro como termo genérico, porque para englobar todos prefiro neutro no plural. Dei seguimento a cena. No fim alguns deles desenharam na lousa.

Imagem 9- Luano na cena sobre estupro.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 10- Público escola ESEBA.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

23 de outubro de 2023

Apresentar na UFU novamente em uma sala de aula do 50 como na estreia, me fez pensar em todo o processo até aquele momento, nas escolas e cogitar como seria a recepção da comunidade acadêmica sobre a nossa aula espetáculo. Estava em uma tensão pré menstrual (TPM) em plena ovulação, irritadiço e ansioso. Já fui logo dizendo sobre minha condição para equipe que percebeu minha agitação. O Tom (diretor) não estava conosco devido outra demanda. Nos organizamos na sala e já sabia que nessa sala a projeção seria no outro lado avesso ao lado dos ensaios, mas já havia visto a sala dias antes e ensaiado nela imaginando a projeção no lado contrário. Fui me concentrando fazendo o jogo *Lourença*, e fui até o banheiro vestir o figurino e passar minha base.

Es conhecidas foram chegando, minha cunhada, meu irmão, minha crush, amigas e desconhecidas. Não havíamos distribuído ficha na expectativa inicial de que a sala não encheria, mas logo encheram os 35 lugares e algumas pessoas até sentaram-se no chão. Luck (produtora)

leu a sinopse, dei sinal para Diulia apagar a luz (*blackout*) e comecei. Correndo com a bola fiz meus primeiros movimentos e na primeira fala joga a bola para uma pessoa da plateia, como sempre fiz em todas as outras apresentações. Mas dessa vez a pessoa para quem eu lanço não pega a bola, que bate em cheio no seu rosto, eu pego a bola, falo “desculpa” e dou continuidade ao espetáculo. Mesmo já com público, conforme as cenas aconteciam, algumas pessoas entraram atrasadas na sala.

Quando abro para perguntas não há nenhuma dúvida, então na segunda vez que abro para perguntas um homem pergunta sobre gênero fluído, se a fluidez pode ser mais espaçada, mais do que diariamente, e eu respondo que sim podendo fluir após anos em apenas um gênero, por exemplo, mas enfatizo que isso não tem, necessariamente, a ver com aparência. Sigo com as cenas, me encaminhando para o final do espetáculo, a sensação é incrível. Na interação final, de desenhar/escrever no quadro/lousa muitas pessoas desenharam e escreveram.

Imagem 11- Luano em cena na UFU



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 12-Escrevendo na lousa na apresentação na UFU



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 13-Público UFU.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 14-Boyceta na apresentação na UFU.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 15-Sem camisa na apresentação na UFU.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

Imagem 16-Lousa Apresentação UFU.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

CONCLUSÕES FINAIS

Como já tenho pontuado durante todo o trabalho, vivemos em uma sociedade ciscêntrica, produtora e reprodutora do pensamento de que há apenas dois gêneros reais, vistos como sexos definitivos. Pensamento que colabora para a manutenção do poder patriarcal, em detrimento de acessos de corpos dissidentes/distintos da hegemonia.

Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. A diferença sexual é uma hetero divisão do corpo na qual a simetria não é possível. O processo de criação da diferença sexual é uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais. Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução. Essa exploração é estrutural, e os benefícios sexuais que os homens e as mulheres heterossexuais extraem dela, obrigam a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como o único centro mecânico de produção de impulso sexual. (Preciado, 2004, p. 26)

A visão binária dos nossos corpos privilegia o poder do homem branco cisgênero em detrimento do que se desvia do que é imposto, causando uma sistematização²⁷ das nossas condutas.

Enquanto isso não binariedade é um imenso guarda-chuva de gêneros e possibilidades de ser das mais diversas. Em *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*, Paul Preciado enfatiza a posição dos corpos dissidentes em interação com a realidade cis-hetero-normativa:

Mas, como para toda máquina, a falha é constitutiva da máquina heterossexual. Dado que aquilo que se invoca como "real masculino" e "real feminino" não existe, toda aproximação imperfeita deve se renaturalizar em benefício do sistema, e todo acidente sistemático (homossexualidade, bissexualidade, transexualidade...) deve operar como a exceção perversa que confirma a regra da natureza. (Preciado, 2004, p.30)

²⁷ Ao escrever a palavra “sistematizar” utilizo a palavra “cis” para comunicar que o que ocorre é uma “cisgeneração”, isto é, uma constante reprodução e naturalização da cisgeneridade.

É uma pena que o teatro ainda componha e colabore para um imaginário tão cis-hetero normativo. Principalmente a partir da minha transição, e mesmo antes, na minha arte e na minha pesquisa busco formas de embate contra esse padrão que exclui corpos dissidentes. Nas artes não podemos simplesmente fazer o mesmo que a maioria e nos considerar artistas apolíticos ou “neutres” politicamente, como diz Paulo Freire “educar é um ato político” ou como diz Boal “todo teatro é político” e “todos podem fazer teatro”. Se todos podem fazer teatro, por que tudo que assistimos, ou quase tudo, é interpretado por pessoas cisgêneras? Se tudo é político, por que ignoramos que não há em cena um pai que possa engravidar, ou uma amiga que faz a barba, ou mesmo casais de duas pessoas transgêneras? Não falamos sobre diversas narrativas, apagamos, silenciemos diversas histórias que acontecem à margem da sociedade. A luta anti hegemônica, anticolonialismo é a luta da maioria de nós contra as imposições de uma minoria cis-hétero-branca, e através das artes e mídias temos o compromisso de uma reescrita dessa realidade que nos maltrata.

A luta anticolonial conduzida pelas transgeneridades por meio da perspectiva transpófaga prescinde o canibalismo e nos remete à atividade de criação de novos imaginários, em que até mesmo a cisgeneridade é convidada a transicionar de gênero. (Leal, Rosa, 2020, p. 6)

Da dúvida ao “erro”, mas qual dúvida e qual “erro”?! A dúvida vem desde os meus primeiros anos, quando sou tratado de forma misógina sentenciado pela leitura que me condena a partir da minha vulva. A dúvida de não entender o porque de, em comparação ao meu irmão gêmeo, ser mais sexualizado, mais domesticado, mais subestimado. Dúvida, por não me adequar ao estigma que impõe uma mulheridade que não me cabe. E finalmente o “erro”, de aos 21 anos me assumir errado perante a sociedade, um transmasculino que prefere usar “roupas masculinas”, negar os pronomes femininos, seguir em uma nova forma ou, para além da aparência, um novo local social, local de fala. Erro por agora causar nojo, intrigas, fetiche. Um “erro” entre aspas porque sou um erro a partir deste mundo distópico ciscentrico, embora na verdade me entenda agora muito mais certo, na certeza da minha falha, no fracasso cis que é meu sucesso trans. Trans tem sucesso?! Talvez eu tive na circulação da aula-espetáculo *Da dúvida ao "erro": Fragmento de um não binário* em turmas EJAs, reinventando o imaginário que me constrói e destrói há tantos anos.

Sonho

Recorrente era o sonho
Em que eu não era homem nem mulher
Acordava e todos me tratavam no termo neutro,
Inclusive quase não ouvia-se mais ela ou ele
Na TV as dançarines eram ótimes na dança
E não um momento de hiper padronização do feminino
Os banheiros eram para todes, sempre em lugar movimentado
Nas escolas todos eram alunes
Eu, professore sem gênero
Que não precisava explicar o que era isso
Porque todas as crianças também eram
O conceito família era tão queer
E na presidência elegemos uma travesty.
Não sobrecarregávamos o corpo
Com a norma binária
Enfiada garganta a fundo na pornografia do cotidiano.
Não cometíamos o engano de definir por genitais.
Não invalidávamos alguém por não caber no estereótipo.
Não silenciávamos a manifestação corpórea e seus ambíguos símbolos.
No entanto, acordei, e penso em arrancar meus seios.

Enquanto artista e futuro docente, a aula espetáculo *Da dúvida ao “erro”*: *fragmento de um não binário* me ensinou muito sobre a potencialidade da poesia trans-não binária em cena, bem como uma atuação performática, distante da construção tradicional de personagem, expressando minha auto-biografia. A condução dos ensaios pelo diretor Tom Menegaz teve o cuidado do afeto, onde pude não me sentir oprimido ou sob pressão como com outros/as diretores/ras cisgêneros/as. Talvez isso se deve a ele ser uma “maricona” (como ele às vezes se denomina), gay, bicha que também busca transgredir as definições cis-heteronormativas.

Circular nas escolas me abriu portas para diferentes realidades, para cada público um mundo. Na Escola Estadual Ângela Teixeira por serem poucas alunes e uma escola estadual

pública (todas foram públicas) a interação foi menor, a maioria pessoas com mais de 40 anos, elogiaram a iniciativa e enfatizaram o quão importante é tratar temas como este.

Na Escola Estadual Parque São Jorge pude ver os momentos do espetáculo destinados a interação do público, através das perguntas, do espetáculo ganhar vida, eram umas 17 pessoas e a maioria interagiu, fazendo perguntas e comentários. Sem dúvida foi a escola que mais se expressou, e foi também a escola mais periférica, o que me lembra a afirmação de uma amiga, a Era, também professora trans que me disse que nas escolas mais periféricas nós somos melhor recebidos/entendidos.

Na ESEBA que é uma instituição de ensino federal, localizada em uma região central da cidade de Uberlândia (MG), eram pouquíssimas pessoas, como já relatado no capítulo anterior, e também houve interação mas foi uma apresentação mais intimista, tendo pessoas acima de 50 anos me assistindo.

Para as visualidades das cenas, isto é, figurinos, maquiagem, adereços e cenário, pensamos, eu e Tom, nos símbolos atribuídos à binariedade, como quando joga uma bola de futebol e em oposição calço um salto alto. A minha primeira roupa é o que costumo vestir no meu dia a dia (camiseta e bermuda) para compor essa persona não personagem que seria eu mesmo em cena, a segunda roupa é baseada em algo mais formal e “mais masculino” (um colete, uma calça social e um sapato “masculino” preto) compondo esse auter-ego professor, e para maquiagem recapitulamos as contradições binárias com batom vermelho e desenhando em mim mesmo um bigode. A iluminação da circulação tinha três ambientações: um foco de luz (luz amarela forte), um retroprojeter (luz mais intimista/retrô) e a luz acesa da sala de aula (luz branca). Como cenário apenas uma carteira de sala de aula, uma lousa e projetor.

Imagem 17-Salto e bola de futebol.



Créditos: Éric dos Santos Silva.

A aula-espetáculo *solo Da dúvida ao erro: Fragmento de um não-binário* ensinou sobre não-binariedade para muitos alunos, professoras, e pessoas distintas, mas ensinou principalmente eu mesmo, me aprimorando enquanto poeta, ator, professor, multiartista, autor e coordenador de projeto, me ensinou como aluno, que é o que sou acima de tudo.

Da dúvida

Porque uma faca de culpa me perfura

Todas as vezes em que lembro meu tio dizendo “você cresceu ein?!”

E o que tinha crescido era meu quadril

Estupro é legalizado no Brasil

Do erro

Porque somos ridículos,

Feios

E nossas corpos dissidentes

Do erro à dúvida potente

De que não existe um céu

Mas no inferno somos réus

Mas o inferno é aqui

Resistência para conseguir existir

Às caminhoneiras, desfem, aos homens trans, transviados, boycetas, boytetas, aos não binários, à todes es transmascs em nosso “erro”

Dedico a vocês esse meu fragmento!

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna. Sec. de Articulação Política da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). **Precisamos falar sobre o suicídio das Pessoas trans!** Disponível em: <<https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>> Acesso em: 17 de mar. de 2024

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 10ª edição rev. E ampliada –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 368 p.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: Acordos Societários Sobre o Sexo Binário e Cisgênero**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Florianópolis: 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/35297968/Cisnorma_Acordos_societ%C3%A1rios_sobre_o_sexo_bin%C3%A1rio_e_cisg%C3%AAnero_Brune_Bonassi_pdf> Acesso em: 23 de mar. de 2024

Blog A Casa 1. **Entenda o que é o transfake e conheça 14 artistas trans para acompanhar e celebrar, 2023**. Acesso em: 24 de mar de 2024. Disponível em: <<https://www.casaum.org/entenda-o-que-e-o-transfake-e-conheca-14-artistas-trans-para-acompanhar-e-celebrar/>> Acesso em: 30 de mar. de 2024

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec: Edições Madacaru, 2006. (Pedagogia do Teatro)

COSTA, Fabrício; SANTOS, Regina. **Intersexualidade: A Mutilação Cirúrgica de Recém Nascidos e Crianças Frente aos Direitos Humanos** Revista Paradigma, Ribeirão Preto-SP, a. XXVI, v. 30, n. 2, p. 175-202 maio/ago 2021 ISSN 2318-8650. Disponível em: <<https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1896/1858>> Acesso em: 18 de mar. de 2024

FAZZIONI; PEREIRA. **“O menino que brincava de ser”**: Drama virtual, infâncias dissidentes e formação de professores(as) de teatro Revista Cena, Porto Alegre v. 22, n. 38, set./dez 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/365972769_O_menino_que_brincava_de_ser>

Drama_virtual_infancias_dissidentes_e_formacao_de_professoras_de_teatro> Acesso em: 20 de mar. de 2024

F. V. ., & Santos, R. C. L. e S. S. **Intersexualidade:** A Mutilação Cirurgica de Recém-Nascidos e Crianças Frente aos Direitos Humanos. Revista Paradigma, Ribeirão Preto-SP, a. XXVI, v. 30, n. 2, p. 175 maio/ago 2021 ISSN 2318-8650 Disponível em: <<https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1896>> Acesso em: 21 de mar. de 2024

G1 globo.com. **Minas gerais é um dos estados que mais mata lésbicas, gays, bissexuais e transexuais no país.** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/minas-gerais-e-um-dos-estados-que-mais-mata-lesbicas-gays-bissexuais-e-transexuais-no-pais.ghtml>> Acesso em: 24 de mar. de 2024.

_____ **Jogos teatrais na sala de aula:** um manual para o professor. Tradução Ingrid.

- LANZ, L. Cisgênero. **Dicionário Transgênero**, 20 ago. 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://leticialanz.blogspot.com/2016/08/dicionario-transgenero.html> >. Acesso em: 11 mar. de 2024

LEAL, Dodi; ROSA, André. **Transgeneridades em Performance:** desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e97755, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/tpMRR5hJxBYrtnVBQXxFT8Q/?format=pdf>> Acesso em: 15 de mar. de 2024

NEELANDS, Jonothan; GOODE, Tony. **Structuring Drama Work:** a handbook of available forms in theatre and drama. 2. ed. Cambridge University Press, 2000.

PAULA, Wellington Menegaz. **Drama-processo e ciberespaco:** o ensino do teatro em campo expandido. Florianópolis, 2016. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na Educação Infantil:** experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teatro, Programa de Pós- graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrasexual:** práticas subversivas de identidade sexual. tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro- São Paulo; n-1 edições, 2004

Site Associação Brasileira Intersexo- ABRAI. **O que é ser intersexo.**

Disponível em: <<https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/>>

Acesso em: 25 de mar. de 2024

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula:** um manual para o professor. Tradução Ingrid. São Paulo: Perspectiva, 2012.